

CÉSAR APARECIDO NUNES
DESVENDANDO A SEXUALIDADE

Nunes, César Aparecido, 1959

Desvendando a sexualidade 1 César Aparecido Nunes. - Campinas, SP :

Fones: (0192) 32-7268 - 31-3534 13.100 - Campinas - SP

Aos meus pais, Julio Milton e Maria Helena, que viveram até a última gota as contradições sexuais de seu tempo...

Ao César Adriano, meu segundo filho gerado com a Cleide, companheira deste buscar...

Saber esperar é alegria e necessidade.

SERIE EDUCANDO

A Série EDUCANDO nasceu como proposta de oferecer subsídios para os professores em geral, preocupados com outras opções de trabalho.

Através dela, pretendemos abordar as principais áreas do conhecimento de forma problematizadora e abrangente. Assim, estaremos estimulando a criação de novos conhecimentos, de idéias que gerem idéias num processo de aprendizado que não se caracterize pelo mero consumo, mas pela gestação de inquietações, de novas formas de ver e interferir no mundo concreto da experiência vivida, ampliada por questões que a enriqueçam.

Acreditamos na necessidade de apresentar alternativas metodológicas condizentes com esta proposta, sendo que a principal delas, o fio-de-meada da série, consiste na interação entre teoria e experiências que lhe dêem sentido, que apontem para uma prática cotidiana revitalizadora e revitalizada.

Os livros de cada coleção serão interdependentes, isto é, ao mesmo tempo em que indicarão uma continuidade de trabalho, nas várias áreas do conhecimento, constituirão unidades autônomas e específicas.

Este caráter modular da Série EDUCANDO também implica um tratamento funcional que parte de temas mais gerais para chegar aos mais particulares, de forma a garantir aos professores, aos alunos e ao leitor em geral, uma desenvoltura necessária, imprescindível, no processo de conhecer, reconhecer, optar por caminhos próprios, dentre os sugeridos, para o desenvolvimento da vontade de inserção na realidade em que estamos e que sonhamos transformar.

Conselho Editorial: Pedro No de Assis Bastos Emilfa Amaral

Rubens Pantano Filho e Severino Antônio M. Barbosa

ÍNDICE

Apresentação

Introdução

Capítulo I A Sexualidade "Primitiva" Mítica

Capítulo II O Modelo Patriarcal

Capítulo III A Sexualidade Proscrita na Idade Média

Capítulo IV A Puritanização do Sexo

Capítulo V A Descompressão Sexual

Capítulo VI Os Pressupostos Teóricos da Educação Sexual

APRESENTAÇÃO

PARA DEFINIR A SEXUALIDADE...

"É a relação do homem com a mulher, é a relação mais homem com o homem, e nesta relação aparece então, até que ponto o comportamento natural do homem se tornou humano, ou melhor, até que ponto sua essência humana se tornou sua essência natural. Nesta relação vemos, também, até que ponto as necessidades humanas se tornam necessidades humanas, até que ponto, então, o outro homem, como homem, se torna uma necessidade para o homem, e até que ponto o homem, em sua existência mais individual é, ao mesmo tempo, comunidade."

Kari Marx

Hoje todo mundo fala, mais ou menos livremente, de assuntos relacionados a sexo. Há ainda rígidos mecanismos de controle, repressão e muita ignorância sobre a questão, mas o assunto é bem mais freqüente do que alguns anos atrás. Este livro quer também falar de sexo, mas como o assunto é muito abrangente precisaremos delimitar os horizontes. Primeiro é preciso considerar os diversos níveis e aspectos da sexualidade. O primeiro destes aspectos é o sexo biológico-reprodutivo, que congrega homens, animais, plantas, todos os seres vivos. Este é o sexo enquanto categoria de reprodução, aparelhos reprodutores naturais ou artificiais. Muitas vezes até esta informação nos é tirada, mas em algumas escolas e em alguns livros de Ciências ou Biologia o adolescente tecnicamente chega a aprender os mecanismos de sua sexualidade biológica, conhece os aparelhos reprodutores masculino e feminino, os ciclos menstruais das fêmeas e as diversas formas de reprodução da vida. Não é este o nível da sexualidade que abordaremos. Embora de extrema importância, pois é informação básica sobre nosso corpo, nossa sexualidade biológica, creio que existem bons subsídios sobre a questão.

Existe o nível psicossocial que é como se constituem as diferenças sociais entre os sexos masculino e feminino. Neste nível é preciso compreender a formação do universo mental da mulher e do homem, com todos os elementos deste universo. Por que o homem se sente forte, seguro e poderoso e a mulher se apresenta mais dócil, meiga ou temerosa? Não é porque isso seja "natural". É que o homem é educado para ser dominador, forte, altruísta, e a mulher é educada para ser submissa e contida. Este nível envolve um estudo histórico desses processos de constituição dos papéis sexuais, que é o seu nível complementar.

A metodologia de compreendermos as variantes sobre os papéis sexuais será a ciência da História e da Antropologia, que se encontram interligadas no estudo do homem e das sociedades através dos tempos. Será por este caminho que trilharemos, tentando falar de sexo com muita clareza, como ele foi vivido entre os "primitivos", na Idade Média e como é encarado em nossos dias, em plena sociedade de consumo urbana e industrial, nesta "era das comunicações".

Não pretendo ser doutrinário ou dogmático, pois creio que esta postura tem perpassado muito do que se tem dito sobre "sexo" e tem sido responsável por tantos traumas, fracassos e distúrbios emocionais de nossa cultura.

Gostaria que este livro fosse lido por todos os que se interessam sobre o assunto, de maneira crítica e dialogal; jovens, adultos, adolescentes, pais, professores, pedagogos, padres, comunicadores e todos quanto encontram-se em busca de um novo sentido para esta tão rica, complexa e exigente dimensão da existência humana.

Não poderia deixar de tentar iniciar com este trabalho outras reflexões sobre o assunto, mormente entre os professores, com quem divido a tarefa de ensinar. Ficaria contente e realizado se este livro pudesse sensibilizar a escola, na pessoa de seus organizadores e mestres, da necessidade de uma séria Educação Sexual. Todavia, se for possível ao menos despertar a sensibilidade para a riqueza da sexualidade humana, relativizar nossos dogmatismos anacrônicos e históricos que às vezes são tão fortes e vigentes e abrir um diálogo, trazer a sexualidade ao "status" do "permitido", do humano, ao nível da palavra, já seria gratificado. Pois a paixão que tudo isso envolve com certeza nos fará avançar...

Eu penso sobretudo nas inquietações de nossos adolescentes e jovens. O apelo sexual da máquina consumista é irresistível. O silêncio e a repressão não conseguem conter e tanto recrudescem como afrouxam-se. Cada vez mais a sexualidade se vê tratada como objeto, quer no submundo social, nas rodas de amigos, geralmente tão desinformados quanto enquadrados no perfil de ignorância, proibição e temor que o sistema continuamente cria e educa. Cada vez mais o consumismo e a pornografia alimentam os adolescentes e jovens, adultos e velhos, com sua superficialidade grotesca e objetual, confundindo a quantificação de discursos sobre o sexo ou de atos sexuais como uma verdadeira "libertação sexual". Cada vez mais se aprende sexo por exclusão. Novos mitos como o de que "os jovens de hoje sabem mais do que nós" - como me disse certa vez um amigo professor, justificam a omissão, e por conseguinte reforçam os estereótipos comerciais.

Tudo isso preocupa-me, ao tratar da sexualidade e da Educação Sexual. Além dela, na base desta questão, vai a compreensão do homem, sua dimensão de grandeza e de sentido, tão presente na gratuidade do sexo...

INTRODUÇÃO

1 - A QUESTÃO DA SEXUALIDADE...

Não é uma tarefa muito fácil a abordagem da sexualidade. Pois a riqueza desta dimensão humana e toda a sedimentação de significações que historicamente se acrescentou sobre a mesma acabaram engendrando um certo estranhamento do sujeito humano com sua própria sexualidade. Frequentemente a sexualidade se encontra envolta em um feixe de valores morais, determinados e determinantes de comportamentos, usos e costumes sociais que dizem respeito a mais de uma pessoa. Daí o seu caráter social explosivo.

No entanto, mais do que nunca se torna necessária uma reflexão sobre a sexualidade humana. Vivemos num ambiente "sexualizado" e os discursos sobre a sexualidade entrelaçam todas as esferas da nossa vida cotidiana; confusos,

apelativos, questionantes, mistificadores e enquadradores. Estamos à mercê destes discursos. Os últimos 20 anos provocaram transformações enormes na compreensão e vivência da sexualidade principalmente no Ocidente. Se atentarmos para a sociedade brasileira, veremos que houve muitas transformações com a paulatina implementação da influência dos veículos de comunicação, e dentre estes a televisão, em nosso meio nos últimos anos.

Estas transformações se refletem nos valores, nos comportamentos, na linguagem, no modo de vestir, nas músicas, filmes, formas de relacionamento. O acréscimo das descobertas científicas, os métodos anticoncepcionais ao alcance de todos, a indústria do sexo, a pornografia, tudo isso hoje é inegável que acaba transformando algumas concepções mais tradicionais. Quando alguns círculos sociais detêm-se a focar a questão da educação sexual, este é um ponto muito importante a ser considerado. O que é educação sexual? Quais os determinantes desta questão... o que significa "educar" sexualmente e que instrumentos, meios e fins estão envolvidos? Quem pode "educar" sexualmente, "ensinar" o quê? Como fazê-lo, quem serão estes educadores ... ? São questões extremamente preocupantes.

A questão da educação sexual é sempre muito polêmica. Recentemente ela voltou no bojo das questões sobre planejamento familiar e/ou controle de natalidade. Não é todavia uma abordagem nova. Pois a educação sexual, no seu sentido mais profundo, não é uma mera questão técnica, mas sim uma questão social, estrutural, histórica. Todos nós enquanto sujeitos constituídos socialmente estamos submetidos a um processo de enquadramento sexual que é determinado, em última instância, com as estruturas sociais.

Certas atitudes sobre a questão da sexualidade são interessantes. Quando se lançou recentemente a questão da necessidade da educação sexual na escola, isto é, de maneira pedagógica e institucional, as reações imediatas logo definiram dois grupos: um mais conservador, lembrando "responsabilidade" sobre a questão e outro mais liberalizante demonstrando, mais que a necessidade, a urgência da questão. Contudo não se trata de ser contra ou a favor da educação sexual. Isto é desviara atenção da questão fundamental - qual o conteúdo de uma "verdadeira" educação sexual? Pois todos nós estamos submetidos a uma educação sexual desde que nascemos, e hoje mais do que nunca. Posicionar-se "contra" uma reflexão sobre a sexualidade é uma atitude que implicitamente reforça a educação tradicional, sistemática, que educa o homem para o poder e o machismo, que engendra os mitos de "inferioridade" da mulher, que estabelece os tabus, proibições e medos sobre o sexo. De certa maneira não se está contra a educação sexual, ela já existe, mas sim contra uma outra expressão sexual que não seja a tradicional, estereotipada, paternalista e primitiva.

E há também aqueles que, na ânsia de superar os tabus repressivos da educação tradicional, não conseguem fazer a crítica da sociedade permissiva, do sexo consumista objetual, quantitativo e pornográfico atual. Na busca de uma liberdade individual, autônoma e humana, freqüentemente se tornam presa do consumismo sexual capitalista que hoje está presente em tudo o que fazemos, vemos e ouvimos. Este individualismo espontaneísta muitas vezes é desastroso.

Pois falar sobre a sexualidade implica retomar alguns recursos metodológicos: a história, a antropologia, a moral e a evolução social. Não se fala da sexualidade de maneira fragmentada, dividida, estanque. As relações sexuais são relações sociais, construídas historicamente em determinadas estruturas, modelos e valores que dizem respeito a determinados interesses de épocas diferentes. Este relativismo não pode ser irresponsável. Ele nos permite perceber a construção social da sexualidade sem contudo fazê-lo de modo destrutivo ou imaturo. É uma tarefa gigantesca.

Uma primeira questão é a questão da linguagem. Não temos "linguagem" para a sexualidade. Temos sim, de um lado linguagem tradicional depreciativa, estereotipada, estigmatizada, freqüentemente de baixo nível; e de outro a linguagem técnica, "científica", descritiva e fria. É necessário pensar numa linguagem sexual mais humanizada, afetiva e significativa. É mister construí-la, recriá-la...

Por outro lado se põe a questão da mulher. A luta das mulheres nos últimos 20 anos passou por vários momentos. Desvendou a violência estrutural contra a mulher, as formas implícitas e reais desta violência, denunciou publicamente as estruturas educacionais machistas, a sociedade falocrática. As mulheres adquiriram alguns espaços, houve novas formas de cooptação da mulher, houve equívocos, mas o que importa observar é que houve alterações profundas na sociedade e 'na própria mulher. E aliada a esta luta, um pouco mais tarde, assistimos à luta dos grupos homossexuais. Estamos percebendo que pela primeira vez se articula e se destrói, ao nível do instituído, um discurso sobre a homossexualidade. Isto tudo está se engendrando no cerne das lutas sociais.

Nesta luta vemos que a estrutura familiar, entre outras transformações, se vê abalada. Cada vez mais a família se vê tolhida no discurso dogmático sobre a sexualidade, enfrentando o discurso consumista, liberalizante dos meios de comunicação, da pornografia e de outros agentes sociais. O discurso religioso se vê cada vez mais contraditório e, em certos casos, de um conservadorismo anacrônico. Eficaz em alguns círculos, ele perde espaço frente aos apelos estruturais de uma "nova moral sexual". O Estado, que controla a Escola, freqüentemente se mantém numa posição menos comprometida moralmente, mais técnica, e vê a questão sob o ponto de vista demográfico, biológico, profissional e político.

Em tudo isto vemos que a tarefa de abordar a sexualidade requer muitos referenciais. Não tomaremos aqui uma posição doutrinária ou moralista. Tentaremos refletir sobre os condicionantes históricos da sexualidade ocidental de maneira pedagógica e metodológica. Ao analisarmos os modelos sociais hegemônicos de vivência e compreensão da sexualidade nas sociedades ocidentais, tentaremos sensibilizar o leitor para uma crítica, pessoal e social, dos modelos e discursos vigentes. Pois toda educação sexual implica numa re-educação sexual, pessoa, valores e comportamento. Acho mesmo que a sexualidade, de maneira privilegiada, é este terreno híbrido entre o pessoal e o social, encruzilhada confusa onde se articula o ser e o existir individual e coletivo de cada um de nós. Daí sua grandeza, sublimidade e riqueza. Daí o desafio, a atração, o fascínio que a reflexão provoca. Desafio sempre exigente de coragem,

oportunidade de despir-se, no que nós é possível, dos preconceitos, dogmas e tabus tradicionais.

Ao final nos resta estabelecer algumas propostas. Tentaremos definir que uma verdadeira educação sexual está implicada numa transformação social mais abrangente. E que, numa apresentação dialética deste pólo, o macrocósmico, o estrutural, estão presentes os mecanismos primários de relacionamento, os microcosmos pessoais, familiares, os círculos menores e vice-versa. Sem reduzir a um subjetivismo radical, há na sexualidade humana uma intimidade tal que escapa a qualquer racionalismo mais comprometido com os discursos do poder. É preciso fazer a arqueologia do silêncio, observar os mecanismos da constituição da "normalidade" e ao mesmo tempo ter elementos críticos para a sedução do consumismo hedonista.

É claro que nossa opção é por uma reflexão empírica da sexualidade, que se traduza em propostas educacionais reais. Acredito que a escola é o espaço também da crítica sobre a sexualidade estabelecida

e o laboratório das novas significações e vivências. Não de uma maneira superficial como vem sendo feita, empirista, biologista, informativa e outra vez diretiva. Muitas escolas acreditam que fazem "educação sexual" por permitirem que um padre ou médico uma vez por ano fale sobre "Sexo e Amor", "Métodos Anticoncepcionais e Aborto", "Aparelhos Reprodutores Masculino e Feminino".

Nossa proposta é bem mais exigente que isso. A abordagem da sexualidade humana numa dimensão pedagógica requer um entrosamento histórico e moral novo, o auxílio das ciências humanas e o acesso à produção específica dos últimos anos. Isto não quer dizer que tenhamos que fragmentar ainda mais a sexualidade formando professores de "educação sexual". Significa outrossim superar o dualismo racionalista e tecnicista da escola atual e da intensidade tecnocrática e profissionalizante. Mas isto tudo é outra conversa ... que deixamos em aberto...

2 - A QUESTÃO DA "EDUCAÇÃO SEXUAL"

Para uma compreensão mais profunda da sexualidade humana é preciso definir a sua constituição significativa. A sexualidade humana não está sujeita ao determinismo animal, restrita ao mundo natural. É uma esfera que passa além disso, ela contém a intencionalidade, no sentido de consciência e de experiência de sentido, no sujeito humano. É portanto dimensão existencial, original e criativa em sua expressão e vivência. E esta dimensão é dinâmica, dialética, processual. Não se pode reduzir a sexualidade a um substrato único, imutável, eterno. A sexualidade, isto é, as qualidades, formas e significações da atividade sexual é histórica, processual e mutável. Isto significa que está sempre aberta a novas significações, novas experiências de sentido.

Muitas vezes o argumento do "natural" é a forma mais cabal do preconceito ou do conservadorismo. Pois se poderá afirmar que é "natural" o poder, o domínio, a brutalidade no homem, como a "meiguice e ternura" são dotes "naturais" da mulher. É preciso rejeitar este simplismo.

A antropologia, a psicologia moderna já demonstraram que o substrato humano, que compreende o dado biológico primário, é neutro, isto é, desprovido de

caracterização sexual definida, a não ser ao nível genital. Observamos um texto da prof. Naumi Vasconcelos citando o prof. Abel Jeanière que desenvolve de modo claro esta questão: "Cada indivíduo é fundamentalmente neutro se o considerarmos no nível de uma sexualidade propriamente humana. O 'ser homem' e o 'ser mulher' são criações da vida social, é ela que diferencia"1. Nota de rodapé 1: VASCONCELOS, Naumi. Os dogmatismos sexuais, Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1971, p. 75. Fim da nota de rodapé

Esta diferenciação obedece aos critérios do poder e das estruturas de dominação e produção da existência. As instituições sociais, que são supraestruturas enquadradoras das classes dominantes, desenvolvem um esforço sistemático e quotidiano para reproduzir as estruturas e papéis tradicionais através da família, da linguagem, das noções básicas culturais, da escola, do trabalho, da religião, etc... Em tudo isso já existe sistematizado um papel sexual modelar, paradigmático, ao qual devem se adaptar os "homens" e "mulheres" novos-nascidos. Este processo de enquadramento dura a vida toda, com seus reforços ideológicos e mais, implícitos e explícitos.

Uma verdadeira educação sexual terá de colocar toda a cultura em questão. Ainda nos reportamos ao texto de Naumi Vasconcelos:

"Educação sexual é abrir possibilidades, dar informações sobre os aspectos fisiológicos da sexualidade, mas principalmente informar sobre suas interpretações culturais e suas possibilidades significativas, permitindo uma tomada lúcida de consciência. É dar condições para o desenvolvimento contínuo de uma sensibilidade criativa em seu relacionamento pessoal. Uma aula de educação sexual deixaria de ser apenas um aglomerado de noções estabelecidas de biologia, de psicologia e moral, que não acompanham a sexualidade naquilo que lhe pode dar significado e vivência autêntica: a procura mesmo da beleza interpessoal, a criação de um erotismo significativo do amor" 2. Nota de Rodapé: 2. VASCONCELOS, Naumi, op. cit. p. 111.

Fim da nota de rodapé.

Importa-nos demonstrar que a sexualidade, enquanto dimensão humana, não pode ser reduzida a um objeto estranho, fora de nós, sobre o qual se faz um discurso técnico, frio, dogmático ou permissivo. Enquanto dimensão privilegiada do subjetivo, do existencial, e ainda mais se considerarmos as rotulações e controles religioso-morais históricos sobrepostos, a sexualidade só pode ser tratada de maneira profundamente próxima, densa de dignidade e humanismo, para ser eficaz e significativa. Isto requer conhecimento dos discursos teóricos cabais, dos dogmatismos de qualquer espécie e da suspeita, e equilíbrio, de nossas próprias contradições pessoais e culturais.

Só é possível uma educação sexual nesta perspectiva dupla: de um lado crítica de todas as construções, significações e modelos históricos e sociais, que envolvem as proibições, os interditos e permissões;

e de outro o pessoal, o afetivo, o existencial, que a educação tecnicista, tende a sufocar num discurso objetivo e distante. Ao educador que se ocupar desta

questão está o desafio de encontrar o justo meio de transmitir esta contradição de maneira honesta e significativa.

A questão da sexualidade passa a ter maior importância hoje entre todos os educadores. Pois na medida que as estruturas de toda a sociedade se vêm marcadas com o apelo a uma sexualidade consumista e hedonista, isto é, marcadas pela busca individual de uma forma de prazer, esta característica aparece em qualquer dimensão que realmente se propõe a educar, ou apresentar criticamente toda a cultura humana.

Não há uma época a iniciar a "educação sexual". Desde que nascemos somos seres sexualizados e não podemos continuar numa concepção de infantilismo, crianças como assexuadas e ignorando o nível de tensão e interesse que lhes diz respeito.

E neste nível é importante observar que toda educação, sistemática ou não, envolve a sexualidade. Quando nós professores ou qualquer outra pessoa nos apresentamos diante de uma classe de escola, diante de uma função ou tarefa qualquer, nos apresentamos com toda a nossa pessoa, e dentre tantas dimensões a sexualidade é fator fundamental. Do contrário faremos uma educação sexual a partir do preconceito que é a fragmentação do ser humano e a consideração parcial de suas potencialidades e dimensões.

Muitos educadores, freqüentemente aquelas professoras que trabalham nos primeiros anos do primeiro grau, afirmam que têm muitos "problemas" com relação à sexualidade. Queixam-se de palavrões, jogos e desenhos, manifestações que, segundo elas "antigamente não era assim, havia maior respeito..." Confusas, atribuem esta "permissividade" com plenas certezas à desagregação moral de nosso tempo, lançando abstratamente uma culpa ideal sem sujeito sobre toda a sociedade. Não compreendem que o apelo à sexualidade está muito mais forte hoje, produzido pelo sistema econômico e dosado a todos os níveis sociais. Não percebem que esta descompressão da sexualidade está condicionada pela fase que entre nós passa a estrutura econômica da sociedade, portanto, não é num nível meramente moral que esta deve ser tratada, mas num nível sócio-analítico estrutural.

Para estas educadoras a expressão da sexualidade infantil é entendida como ato de "indisciplina e semvergonhice". É claro que não podemos generalizar estas opiniões e compreensão das coisas. Falamos metodologicamente dos círculos mais tradicionais e mais comprometidos com a ideologia conservadora hegemônica.

Outras abordagens da sexualidade infantil freqüentemente são comprometidas com escolas de psicologia e educação, presas em pressupostos fixos e teóricos. Isto me faz afirmar a necessidade de pesquisas da sexualidade infantil frente às transformações da sociedade tecnocrática atual, onde alteraram-se as formas de educação e sociabilização das crianças, as estruturas da família burguesa e com a rapidez das campanhas comerciais se mudam as escalas de valores. Um primeiro nível seria a pesquisa empírica, se bem que tarefa árdua, pois não há ainda uma sedimentada tradição científica na pesquisa da sexualidade, a não ser por relatórios, entrevistas e outras formas metodológicas recentes criadas a partir dos anos 60 nos EUA e Europa.

Seria de extrema pertinência para os educadores e todos os que se mostram motivados a discutir a sexualidade humana e a conveniência e adequação a uma dimensão pedagógica, partir das considerações históricas da sexualidade. Perceber que a "revolução sexual" que se desdobra a partir dos anos 60 nas sociedades industrializadas ocidentais tem como modelo as transformações ocorridas nos EUA e Europa, sendo portanto modelos e matrizes que só poderão ser entendidos na medida que entendermos a relação estrutural de exploração e domínio que estes centros mantêm com os demais países. Estas transformações refletem o avanço das forças produtivas e das estruturas ideológicas de sua sustentação.

3 - A ORIGEM DOS ESTUDOS SOBRE A SEXUALIDADE

Os grandes estudiosos americanos e europeus colocaram os princípios de uma abordagem da sexualidade ocidental e das demais. Foram esclarecidas algumas questões como a masturbação, as relações pré maritais, o adultério, o prazer das mulheres e homens, a freqüência de parceiros sexuais, a homossexualidade e outras. E não podemos deixar de analisar que os meios de comunicação e a propaganda, à medida que ampliavam sua influência social e sua função ideológica assumiram a sexualidade e suas representações de desejo e anseios, contidas nas lutas dos jovens, para uma outra dimensão, o consumo e a alienação objetual. Hoje tudo se encontra sacramentado com o apelo do sexo. O corpo da mulher, e cada vez mais o do homem, é o lugar-tenente do enquadramento estético, moral e econômico. Os astros e estrelas são os grandes veículos das novas estruturas de ser homem ou mulher. Principalmente são sensíveis a estes apelos os adolescentes e os próprios jovens que se encontram em crise frente à confusão dos valores sobre a sexualidade. De um lado a educação e as estruturas tradicionais que ainda mantêm através dos pais e de outros veículos algumas formas de controle, e de outro o apelo social para uma sexualidade comprada, sem muito envolvimento e com o maior requinte de impessoalidade.

Creio que cada vez mais perde terreno o discurso da família e da religião para um maior espaço dos mass media e de outras estruturas ideológicas do sistema capitalista ocidental. A Escola é o espaço ambíguo, presa ao Estado e onde também se cristalizam e podem tomar corpo o saber resistente dos novos padrões e valores, à medida que os círculos de intelectuais orgânicos que ali se encontram puseram-se a fazer a crítica das estruturas tradicionais e de suas variantes conjunturais no processo educativo da criança, do adolescente e do jovem.

Na maior parte das vezes podemos observar isso num simples conversar com os pais. Eles sentem a confusão dos discursos sobre a sexualidade, percebem a rápida mudança dos padrões de comportamento e sentem-se perplexos diante de seus filhos. Não sabem dosar a informação sobre a sexualidade e se perdem no nível técnico, tendo abertura relativa para falar de menstruação, masturbação, gravidez e reprodução, mas repetem o esquema tradicional quando se trata de considerar a idade e a responsabilidade sobre a prática sexual de seus filhos.

Preferem lançar a responsabilidade à Escola, ao médico, ao psicanalista, e em outras classes sociais, aos padrões de moral e à religião e seus agentes.

4 - OS TABUS SEXUAIS - A VIRGINDADE

As regras de comportamento sexual são determinadas pelas sociedades e seu corpo de valores, interesses e tradições. A virgindade é um tema que nos permite compreender isso. Em muitas sociedades exige-se a virgindade pré-nupcial para a mulher, em outras é exigida de ambos esta condição. Há outras sociedades onde a virgindade é abominada, pois não se confere valor nenhum a esta. O Ocidente cristalizou a virgindade para a mulher a partir das concepções medievais que relacionavam o casamento à nobreza, propriedade e poder dos homens.

Mas como compreender a Virgindade hoje? É uma questão muito importante a ser considerada. Antes de tudo é preciso compreender o significado desta questão para a mulher. O tabu da virgindade em nossa cultura foi uma das mais terríveis formas de dominação da mulher. Reduzir a mulher, sua pessoa, seu ser e suas potencialidades a um "selo" virginal não deixa de ser uma das formas que o machismo assumiu em nossa cultura.

Uma das formas primordiais da virgindade era a de manter a filha virgem para "trocar-la" por uma aliança comercial ou econômica na Idade Média entre as classes abastadas. Não havia a virgindade rígida para as classes que não tinham propriedades. A virgindade física, isto é, a presença do hímen intacto era fator de honra para o pai e senhor, e valor para a mulher que era dada a um marido. Com a significação patriarcal da cultura cristã este "valor" passou a ser incorporado a todos os segmentos sociais com muito mais força a partir da Contra-Reforma no séc. XVI. Ora, a virgindade não existia entre os hebreus antigos e nem no tempo de Jesus como "valor" positivo. Ao contrário, a esterilidade ou abstinência sexual comumente era abominada, ou devia ter justificativas religiosas extraordinárias.

Muitos homens fazem questão de manter o mito da virgindade ou o travestem de outras formas. Parece haver uma insana satisfação em ser o "primeiro", sem dúvida um ato de poder e domínio mais do que um ato de amor.

A sociedade já teve um controle muito grande sobre a mulher com o tema da virgindade. O lençol manchado de sangue testemunhal era exibido na janela depois da noite de núpcias.

Hoje acredito que esteja mais difícil este controle e exigência social. Os movimentos de libertação da mulher já apresentaram sérias críticas e interpretações deste e de outros mecanismos de controle da mulher.

Gostaria de estender minha reflexão sobre este tema. É claro que a exigência e imposição da virgindade à mulher e a existência de uma moral de estímulo, para o homem, de práticas sexuais revela o conteúdo machista de nossa cultura. Mas este mesmo mecanismo pode hoje possuir forma inversa, ou seja, impor sobre a mulher uma necessidade de não ser virgem, uma descompressão sexual, como para o homem, objetual e permissiva. As duas formas são igualmente condenáveis, pois conservam o elemento de imposição social sem um conteúdo ou aproximação pessoal, plenamente humana. Não se é mais ou menos pessoa sendo virgem ou "perdendo" a virgindade, como é próprio de nossa pobre linguagem ou cultura. Ao colocar esta questão estamos esquecendo que a

sexualidade é o substrato básico de nossa personalidade e ser e que esta questão é de foro íntimo e pessoal. Contudo, sem deixar de considerar a questão social, o mito da virgindade tem sido uma das formas mais acabadas da dominação do corpo da mulher por parte do homem. Lutar contra estes e outros mecanismos é libertar a mulher para uma nova forma de ser e também libertar o homem de uma compreensão reducionista e pobre da condição da mulher.

Texto para reflexão 3 - VASCONCELOS, Naumi, op. cit. p. 107.

A supervalorização da virgindade é a expressão de uma supervalorização da genitalidade. O que não significa que a genitalidade não deva ser valorizada: enquanto um dos aspectos da sexualidade, ela pede a mesma dignidade que se confere àquela. A dignidade de inserir-se em uma escolha, em uma doação, em uma integridade. O que se expressará na virgindade. Entretanto, nenhum valor poderá ser-lhe conferido, tanto em sua manutenção como em sua "perda", desde que isoladas de uma integridade pessoal. Insistir, portanto, no valor da virgindade é condicionar mentes juvenis para uma redução da sexualidade e cuja nocividade se patenteia em complexos de culpa naqueles, ou melhor naquelas, que "perderam a virgindade", é estimular a hipocrisia das semivirgens que "vão até um certo ponto", é incentivar a veleidade dessas "operações de restauração" para casais entediados, etc.

Compreende-se, portanto, como a meta genital é o sonho da virgindade, sonho que uma educação comumente mantém. E compreende-se, também, como essa mesma educação, valorizando a virgindade, valoriza a sua perda: os "pacientes" farão seu preparo, os "impacientes" se lançarão.

A ênfase na genitalidade é, pois, o fundamento da noção de virgindade, seja numa valoração positiva, seja numa valoração negativa desta última. As duas valorações brotam da mesma redução da sexualidade e, vale dizer, da personalidade. Uma redução, claramente mecanicista, em que pese o sentido espiritualista ou ideológico de que se revista. A valorização positiva, baseada em pressupostos morais de integridade pessoal, converge, curiosamente, essa integridade para o eixo genital. A valorização negativa, em nome de uma "libertação do ser humano" achará que o primeiro passo libertador deverá ser dado no procedimento fisiológico da defloração. -

A redução genital da sexualidade fundamentará identificações derivadas de sexualidade e que se pretendem radicalmente antagônicas: assim a sexualidade será identificada como uma função de prazer orgasmático, ou como função procriativa.

5 - FREUD E A SEXUALIDADE

O pioneiro na reflexão sobre a sexualidade humana no séc. XIX foi sem dúvida Sigmund Freud. Educado sob forte influência religiosa, de família judaica, e ainda sob pressão da filosofia positivista e fortemente determinista do seu tempo, ele acaba por construir um pensamento e uma teoria nova sobre o homem, sua existência e seus processos de educação e compreensão da realidade. A partir da observação de si mesmo, de sua própria família e de seus pacientes, Freud estabelece uma maneira de compreender os aspectos motivacionais do

comportamento humano. E define como substrato básico as duas fontes de energia ou pulsões: Eros e Tanatos. Concebe a energia sexual e vital, a libido ou princípio do prazer como o instinto de vida, os impulsos para a autodestruição ou destruição dos outros ele denomina Tanatos, que quer dizer "morte" ou "violência".

Dentre os limites de seu pensamento, ainda marcadamente patriarcal, como basta ver em muitos de seus escritos, destacaremos sua elaboração básica da teoria psicanalítica que é a estruturação do funcionamento do aparelho psíquico. Metodologicamente ele o apresenta dividido em três partes: o Id, o Ego e o Superego. O Id é a fonte primária, instintiva e básica da libido que opera de acordo com o princípio do prazer, buscando satisfação imediata de todas as suas carências e necessidades. O Ego é a parte psíquica racional e mediadora que opera entre o Id e as exigências externas do Superego, a terceira estrutura, relacionada à consciência e envolvendo os aspectos éticos e morais. Representa a internalização das regras e princípios sociais em toda a sua extensão de punições e aprovação.

Se bem que sua interação seja integrada podemos dizer que há uma determinada sedimentação histórica destas estruturas no processo de desenvolvimento da criança. Ao nascer somos Id puro, sel vagem e exigente, das frustrações do sistema familiar e educativo nasce o Ego, que se desdobra em Superego a partir dos 5 anos com a crescente internalização das sanções sociais sobre o comportamento da criança.

A sincronia destes aspectos e estruturas da personalidade é denominada processo primário, que é importante conhecer para um estudo mais aprofundado da sexualidade. Não se pode ignorar a contribuição de Freud, embora seja necessário fazer a crítica dos limites de sua teoria.

"Processo primário": - O, id, sistema original da personalidade, é o reservatório de toda energia física-psíquica. Sistema irracional e impulsivo que retém a energia que moverá, como um dínamo, as demais operações da personalidade. Assim, não tolera energias muito intensas, estados elevados de tensão do organismo, tanto resultantes de estímulos externos ou excitação interna. O Id funciona para descarregar a tensão imediatamente, para voltar ao estado de baixa energia, propulsor de conforto. É o princípio do prazer, redutor da tensão, que dispõe de dois processos: ação reflexa e processo primário.

Convém aqui classificar o processo primário:

Reação psicológica que objetiva remover a tensão através da "imagens" da necessidade desejada. Imagem mental que se denomina "satisfação do desejo", exemplificado por Freud no sonho noturno, como tentativa de se alcançar o que se deseja. Alucinações e visões psicóticas também exemplificam o processo primário, assim como a variação do processo pelo pensamento autista. O Id conhece unicamente estas imagens mentais desejadas, que obviamente não removem a tensão, senão direcionam conseqüentemente a um processo secundário, o estrutural do segundo sistema da personalidade: o Ego. O processo secundário é a capacitação e ação para a remoção da tensão. O primeiro conhece a realidade subjetiva da mente, o segundo distingue entre as coisas da mente e as do mundo exterior. Conhece a realidade. O "princípio da realidade" passa a

distinguir e operar, objetivando a descarga da tensão. O "princípio do prazer" é agora auxiliado pelo "princípio da realidade". Enquanto o primeiro prende-se ao agradável e desagradável, o segundo busca certificar-se se é real ou falsa a experiência. O processo secundário é realista. Através dele o Ego, segundo sistema da personalidade que existe para transações apropriadas com o mundo objetivo, a realidade, busca a satisfação da tensão requerida pela necessidade orgânica do Id. É no Ego que se converte a "imagem" em percepção sensível e localização. Assim o "princípio da realidade" suspende temporariamente o do "prazer" que será satisfeito ao encontrar o objeto-necessidade. Para tanto põe-se em busca. É o teste da realidade. O Ego é o executivo da personalidade. Controla a ação, seleciona o ambiente e decide como e quais instintos serão satisfeitos, procurando integrar as exigências do Id, do Superego e da realidade, muitas vezes antagônicas. O Ego é parte organizada da consciência, que existe satisfazendo os objetivos do Id...

Não existem divisões estanques entre os sistemas; embora singularmente tenham funções e propriedades, dinamismos e mecanismos diferentes acasalam-se estreitamente entrelaçados resultando o comportamento humano; personalístico. Assim, o Id, o Ego, o Superego formam juntos um só sistema, ou seja, a personalidade. O Ego é o intermediário entre as exigências instintivas e o meio ambiente; e as duas paralelas motoras de sua ação: a vida (subsistência) e a reprodução (sexualidade) da espécie humana.

Mas o homem é um ser social, histórico e ambiental, Há uma outra força a considerar: o Superego, que é precisamente o representante interno dos valores e ideais tradicionais decorrentes desta sociabilidade e História humana, transmitidos pelas gerações com reforços específicos como, por exemplo, o sistema de recompensa e castigo da educação doméstica, escolar e social. O Superego é a arma moral, o ideal, o perfeito regendo os demais princípios. Baseia-se no valor, decidindo se é boa ou má determinada ação para sincronizar o indivíduo na harmonia com os padrões morais da sociedade. Coíbe e evita os choques de tensões- Resulta das reações que a criança oferece ao sistema de recompensa e castigo imposto pelos pais, agentes da sociedade. Para evitar um e obter o outro, a criança interioriza normas e aprende a conduzir-se segundo o que é exigido. Isto se dá através da consciência que se forma como subsistema do Superego, primitiva das ações contrárias às tradições e o Ego-ideal, recompensador da aceitação pelo Orgulho. O Superego formado substitui o controle dos pais como um autocontrole. Suas funções principais são: inibir impulsos do Id (sexual e agressivo) condenados pela sociedade; persuadir o Ego a alvos moralistas mais do que reais; lutar pela perfeição opondo ao Id uma imagem de mal, ao Ego um controle dos instintos, tentando bloqueá-los.

A personalidade funciona na UNIDADE dos três sistemas, sob uma liderança do Ego, em conjunto: o Id como componente biológico, o Ego como psicológico e o Superego como social. Decorrente dessa interação temos a Personalidade, em aspectos normais.

Contudo conservam suas diferenças graduais e específicas.

Vejamos isto numa conduta concreta, resultado da avariação do sistema psíquico, nas suas partes componentes. Por exemplo:

- Um indivíduo formado sob uma pressão muito forte do Superego no campo sexual. O Id, seu reservatório energético, acumula excesso de energia e ocasiona uma tensão enorme. Biologicamente o físico reclama um objetivo, que embora se desdobre em processo primário (sonhos noturnos, conversas no sono) anseia por uma real satisfação de si próprio. Entende-se sexualidade por toda a abrangência afetiva da palavra. O Ego, encarregado pelo processo secundário de dirigir-se à realidade, é afetado por uma pressão muito grande do Superego, pois tudo que é sexual lhe é ensinado como mau e reprovável, mesmo o relacionamento afetivo com outra "pessoa". É mais forte o castigo, o reforço histórico num medo de perder-se a si próprio.

O processo secundário não responde ao Id no que ele exige; o Ego não satisfaz nem o pode por uma força muito grande do Superego. Bloqueia e consegue, o Id. Então esta pessoa fica eternamente com uma internalização muito grande de uma norma falsa, um Superego anormal, que coíbe o Id e opõe ao Ego o moral e místico. O Social torna-se maior que o biológico (Id) e o psicológico (Ego) ...

6 - A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA SEXUALIDADE HUMANA

A sexualidade é uma das mais importantes e complexas dimensões da condição humana. Mormente no mundo atual estamos continuamente assediados por um "ambiente sexual" que se manifesta nos mecanismos de sustentação da sociedade capitalista ocidental. Mas a compreensão da sexualidade sempre envolve muitas controvérsias e diferentes posições morais e políticas, uma vez que produz efeitos que dizem respeito quase sempre a mais de uma pessoa. Desta maneira se pode abordar a sexualidade por muitos aspectos, mas nos importa no momento uma visão histórico-política de como se transformam os códigos e valores sobre o sexo e como existe íntima relação das mudanças no comportamento sexual com as transformações econômico-sociais. Para tanto é preciso ter como requisito básico uma concepção do mundo e das relações sociais e históricas dinâmica e viva, que chamamos de Dialética, que consiste em compreender a realidade como processo, como permanente transformação e progresso, evolução. É preciso evitar uma compreensão fechada, "parada", sobre o mundo, uma compreensão estática e formal que se baseia em conteúdos conservadores e ideológicos.

A análise da evolução histórica e cultural de uma forma dialética nos permite perceber as diferentes transformações das sociedades humanas do passado e as perspectivas que se abrem para o futuro.

A categoria fundamental é a de Processo. As mesmas categorias permitem relativizar os padrões sociais de normatização da sexualidade bem como compreender sua precariedade e interesses, além de evidenciar os mecanismos de controle e constituição da chamada "normalidade" sexual.

Metodologicamente fixaremos cinco etapas de compreensão da sexualidade, mais relacionada com o mundo ocidental, na história de sua própria constituição como tal.

A primeira será a compreensão mítica, semidivinizada, das sociedades agrárias no Oriente Médio. Nestas sociedades existia o culto à fertilidade representado pela "Deusa Mãe" ou "Terra Mãe". A representação simbólica destes cultos

manifestava-se pela veneração das partes sexuais femininas, mais especificamente a vagina, representada por um triângulo. A religião e a magia eram o aparelho conceptual destes povos e tudo era misticamente e culturalmente representado, como vemos até hoje entre os aborígenes da Austrália, os bosquímanos da África e outros povos coletores ou pastores chamados primitivos. O sexo era até visto em certas sociedades, os Fenícios por exemplo, como elemento sagrado, religioso, um culto à fertilidade. A Grécia rural, ao tempo do Baliseps (rei) rende o culto a Dionísio. A exaltação e a divinização do sexo feminino podem ser explicadas pela falta de relação adequada, na mente do homem primitivo, entre causa e efeito da fecundação, desconhecimento da paternidade e da relação entre o ato sexual e gravidez pela falta de adequada noção de tempo. Entre tantas explicações afirma-se que este fato seja um dos princípios explicativos da matrilinearidade. Há contudo diversas maneiras de tratar o tema, matrilinearidade baseada no desconhecimento da paternidade, outra baseada no poder e nas relações econômicas. Este segundo aspecto envolve a divisão social do trabalho. Pode-se afirmar contudo que nesta etapa, sexo, religião e trabalho estão em íntima relação com o fenômeno da vida.

O prof. Mircea Eliade, no seu estudo de História das Religiões, assim confirma esta visão harmônica da sexualidade nos ritos religiosos primitivos:

"A mulher e a agricultura - Admite-se, normalmente, que a agricultura tenha sido uma descoberta feminina. Ocupado em perseguir a caça ou em apascentar o gado, o homem estava sempre ausente. Pelo contrário, a mulher, ajudada pelo seu espírito de observação, limitado mas penetrante, tinha ocasião de observar os fenômenos naturais de sementeira e de germinação e de tentar reproduzi-los artificialmente. Por outro lado, pelo fato de que era solidária com outros centros de fecundidade cósmica - a Terra, a Lua - a mulher adquiria o prestígio de poder influir na fertilidade e de poder distribuí-la. É assim que se explica o papel preponderante desempenhado pela mulher nos começos da agricultura - sobretudo no tempo em que esta técnica era apanágio das mulheres - papel que continua a desempenhar em certas civilizações. Assim, no Uganda, uma mulher estéril é considerada perigosa para a horta e o marido pode pedir o divórcio alegando este motivo de ordem econômica. Encontra-se a mesma crença no que diz respeito ao perigo que a esterilidade feminina pode apresentar para a agricultura na tribo Bantu, na Índia. Em Nicobar, diz-se que a colheita será mais abundante se as sementeiras tiverem sido feitas por uma mulher grávida. Na Itália do Sul, crê-se que terá bom resultado qualquer trabalho empreendido por uma mulher grávida e que tudo o que seja semeado por ela crescerá como cresce o feto no seu ventre. No Bornéu, as mulheres desempenham o papel principal nas cerimônias e nos trabalhos relativos à cultura do arroz. Os homens colaboram apenas no corte de silvas e urzes e em alguns trabalhos finais ... São as mulheres que escolhem e conservam as sementes ... Parece que se sente nelas uma afinidade natural com as sementes de que elas dizem estar grávidas. Por vezes, vão passar a noite nos campos de arroz, na época em que ele cresce. A idéia delas é, provavelmente, aumentar a sua própria fertilidade ou a do arroz; mas a este respeito mostram-se muito reticentes.

Na Prússia Oriental ainda se respeitava, há pouco tempo, o costume de uma mulher nua ir ao campo semear ervilhas. Entre os Fineses, as mulheres levam as sementes para o campo na camisa menstrual, no sapato de uma prostituta ou nas meias de um filho bastardo, aumentando assim a fecundidade das sementes pelo contacto com objetos usados por pessoas marcadas de uma forte nota erótica. A beterraba semeada por uma mulher é doce, a que é semeada por um homem é amarga. A semente do linho é levada para os campos por raparigas, na Estônia, e os Suecos não permitem que o linho seja semeado senão por mulheres. Entre os Alemães são ainda as mulheres, e em particular as mulheres casadas e as mulheres grávidas, que lançam as sementes à terra. A solidariedade mística entre a fecundidade da terra e a força criadora da mulher é uma das intuições fundamentais do que poderíamos chamar a "consciência agrícola".

Evidentemente, se a mulher exerce uma tal influência na vegetação, a hierogamia e mesmo a orgia coletiva terão, com muito mais razão, as mais felizes conseqüências para a fecundidade vegetal. Teremos ocasião de examinar mais adiante inúmeros ritos que atestam a influência decisiva da magia erótica na agricultura (§ 138). Lembremos, de momento, que as camponesas finesas espalham na terra, antes das sementeiras, algumas gotas do seu próprio leite. Poder-se-ia interpretar este costume de diferentes modos: oferenda aos mortos, transformação mágica do campo ainda estéril em gleba fértil, ou, muito simplesmente, a influência simpática da mulher fecunda, da mãe nas sementeiras. Também devemos referir o papel desempenhado pela nudez ritual nos trabalhos agrícolas, sem o reduzir exclusivamente a um rito de magia erótica". 4. ELIADE, Mircea. Tratado de História das Religiões, Ed. Cosmos, Liv. Martins Fontes, Lisboa, 1970, vol. 1, p. 297 ss.

A segunda etapa identificada se inicia com o advento das civilizações urbanas do mundo antigo. O sexo gradualmente perde seu caráter mítico e passa a ser mais "racionalizado", mais conhecido e controlado. Distingue-se o sexo da reprodução e da fecundidade e é possível introduzir a noção de prazer. Esta distinção era uma dupla condição da mulher, a reprodutora e mãe e a mulher instruída nas artes do amor. Alguns autores marcam aqui o surgimento da prostituição feminina. Os gregos desenvolvem amplamente e de maneira variada o conceito de "eros". A divisão do trabalho social se acentua e o homem usurpa certos privilégios da mulher tomando em suas mãos o controle da produção e reprodução da vida. A separação dos homens, a educação exclusivista, a exaltação dos valores masculinos, os exércitos e a organização dos negócios levaram amplos estímulos ao homossexualismo. Entre os gregos era padrão "normal" o homossexualismo masculino. As divindades do prazer, as técnicas e estímulos sexuais aparecem nesta etapa da secularização urbana. Nota-se que em nenhuma das etapas descritas há valores como a "virgindade feminina", celibato etc ... Cada codificação do comportamento sexual se explica no seu contexto.

A terceira etapa da evolução que propusemos pode ser chamada de "civilização cristã". Coincide com a desestruturação do mundo antigo com a queda do Império Romano e a emergência da Igreja como instituição que catequiza e

organiza o mundo bárbaro. A inspiração judaica, o platonismo "batizado" e o maniqueísmo se mesclam no novo imaginário social lentamente construído pela Igreja através do enquadramento dos povos bárbaros na doutrina cristã. Isso se dá a partir do século V. Uma nova antropologia e teologia, o predomínio dos valores espirituais e morais, a superioridade do espírito e o estímulo ao medo das condenações eternas, tudo isso engendra uma nova compreensão da sexualidade e um novo comportamento sexual. O corpo é o lugar da maldade demoníaca, "cárcere da alma". Dominar o corpo e reprimir o sexo constitui ideal de vida cristã. A sexualidade passa novamente ao controle da religião, o celibato é ideal de perfeição e só permite expressão sexual com o sério propósito da procriação. A dimensão do prazer é perdida novamente. Nesta mentalidade cristã o sexo está preso à idéia de pecado, de "sujeira"; de maldade. A condenação do sexo favorece o enaltecimento do ideal celibatário sacerdotal e da virgindade, multiplicam-se conventos e mosteiros, a castidade é a maior "virtude". Alguns autores vinculam o ideal celibatário da Igreja com a conservação das suas propriedades ameaçada pelo direito de herança que caberia aos filhos, numa estrutura familiar. Clérigos, freiras e monges passam à completa abstinência, espiritualiza-se a paternidade e maternidade. O enquadramento na nova mentalidade se faz com o medo e as figuras do Inferno e do juízo Final. Esta mentalidade perdurou, até mesmo se reforçou com a Reforma Protestante, 1000 anos depois, no enfraquecimento que o catolicismo sofria na Baixa Idade Média. A quarta etapa de nossa pontuação é justamente ligada à transformação do mundo medieval com o advento da sociedade capitalista, das entranhas do feudalismo. A nova sociedade precisa muito da energia sexual para o trabalho e a repressão da sexualidade é muito forte. Os protestantes se caracterizaram pela compreensão religiosa tradicional, o sexo exclusivamente procriativo. Foucault assim se expressa: "A história da sexualidade, se quisermos centra-la nos mecanismos de repressão, supõe duas rupturas, Uma no decorrer do século XVII onde há o nascimento das grandes proibições, valorização exclusiva da sexualidade matrimonial adulta, imperativos de decência, abandona obrigatório do corpo, contenção e pudores da linguagem, a sexualidade encerrada e confiscada ao leito familiar". S. FOUCAULT, M. História da Sexualidade, Editora Graal, Rio de Janeiro, 1984, 5,a ed., vol. 1, p. 109.

O auge deste modelo se dá com a compreensão repressora da sexualidade na época da Rainha Vitória, a era vitoriana. Sobre o sexo; o silêncio.

Uma quinta periodização se pode fazer com a perda da hegemonia europeia sobre o mundo: a sociedade de consumo. Marcuse é o grande crítico de uma sociedade que "perdeu o espírito erótico". De' nada adianta multiplicar a fala sobre o sexo e a quantidade das relações se não se alterou a qualidade da relação. O prazer mecanizado; da sociedade de consumo, com bonecas de plástico vibradoras, a multiplicidade das posições e técnicas amorosas, estímulos e jogos só' aprofundam o sentimento de fracasso. Só uma completa transformação das relações humanas, a começar pelas relações de produção exploradoras e alienantes fará transformar a dimensão atual da sexualidade humana.

CAPITULO I

A SEXUALIDADE "PRIMITIVA" MITICA

O termo "primitivo", numa perspectiva evolucionista, denota já um sentido depreciativo, etnocêntrico, quase que como sinônimo de "atrasado", "selvagem". Não é este o sentido que queremos usar aqui. A nossa intenção metodológica é definir neste capítulo os contornos de uma sexualidade primordial nas protocivilizações ocidentais e seus mecanismos de representação, prática, significação e controle da sexualidade. Estudos importantes e específicos na área embasam nosso estudo, aos quais nos referimos de maneira basilar: Malinowsky, Mead, Morzan, etc ...

Uma das mais didáticas e ricas contribuições para o estudo da sexualidade humana numa perspectiva antropológica comparativa é o livro de Edgar Gregersen editado em 1983 no Brasil pela Editora Roca - "Práticas Sexuais - A História da Sexualidade Humana". A obra contém informações, mapas e ilustrações sobre as práticas sexuais numa perspectiva transcultural muito bem elaborada. Seria fundamental para qualquer estudioso sobre o assunto.

Cronologicamente nos situaremos nos limites da pré-história e geograficamente privilegiaremos a análise das sociedades ocidentais que maior contribuição tiveram na formação cultural do ocidente. O homem estranha-se da natureza pelo seu trabalho, que se transforma em elemento de evolução cultural e de alteração da natureza de si mesmo.

Dentre as grandes divisões da pré-história destacaremos os períodos do Paleolítico que durou por volta de 500 mil a 10 mil anos antes de Cristo. Há ainda os que o subdividem em Paleolítico Inferior (30 a 10 mil a.C.). Neste período o homem vivia em bandos nômades, dedicados à caça e à coleta de frutos e raízes. Para a caça de grandes animais viviam em bandos isolados e esporádicos, usando como instrumento os machados de pedra lascada. Foi neste longo período que o homem observou o tempo, dominou o fogo, conheceu e classificou os vegetais e as regiões por onde migrava. O historiador Raimundo Campos, ao falar da vida em sociedade dos homínidas do Paleolítico assim se expressa:

"As comunidades do Paleolítico possuíam um certo grau de sedentarização, mas também viviam se deslocando eis' perseguição aos animais que caçavam. A necessidade colaboração, principalmente para os grandes empreendimentos de caça, deve ter gerado, no final do período, o aparecimento dos primeiros clãs, famílias extensas onde várias gerações se sobrepõem. Os clãs do Paleolítico eram matriarcais, uma vez que os homens, em sua atividade de caçar, viviam se deslocando mais constantemente, às mulheres toda e qualquer forma de governo familiar" '. 1. CAMPOS, Raimundo. História Geral, Atual Editora, 1981, 4.a ed., vol. 1, p. S.

Estas afirmações são hoje muito importantes para avaliarmos o processo de constituição de nossa cultura. O Paleolítico é todo ele dominado pelo Matriarcalismo, isto é, pela valorização e culto ao elemento feminino, materno, procriador e organizador da sociedade primitiva. Por milhares de anos a humanidade viveu sob a organização e poder das mulheres, que trabalhando juntas e constantes, tornaram-se o grupo civilizatório mais progressista. Eram as

mulheres que tinham possibilidades de observação, experimentação e pesquisa de novas tecnologias e subsistência na produção da vida. Foi pelo vínculo materno que se constituiu o primeiro elo civilizador e mantenedor do clã primitivo. A propriedade coletiva baseada na caça, na pesca e na coleta produzia uma sociedade coletiva, organizada sob a divisão sexual do trabalho, sem uma estrutura de poder que não fosse o funcional e organizador da sobrevivência coletiva.

Evelyn Reed assim manifesta sua compreensão daquela época e do papel social da mulher nestas sociedades:

"Assim, o resultado mais importante das atividades femininas foi a fundação e a consolidação do primeiro grande coletivo humano. A vida coletiva e o trabalho, substituindo o individualismo animal, abriram um abismo intransponível entre a sociedade humana e os animais. Tornaram possível a primeira grande conquista da humanidade, a domesticação dos animais.

Através destas experiências as mulheres se converteram nas primeiras trabalhadoras e lavradoras, nas primeiras cientistas, doutoras, arquitetas, engenheiras; as primeiras professoras, educadoras e artistas, e transmitiram a herança social e cultural. As famílias que surgiram não eram simplesmente cozinhas coletivas ou salas de cozinhar, mas eram também as primeiras fábricas, os primeiros laboratórios científicos, centros médicos, escolas e centros culturais e sociais. O poder e o prestígio feminino que surge das funções procriadoras, alcança seu ponto máximo com a primazia de suas atividades socialmente úteis (...) As mesmas causas que levaram à emancipação do homem conduziram à queda do matriarcado e à escravização da mulher. No momento em que o homem se apropriou dos meios de produção, a mulher foi relegada exclusivamente a suas funções biológicas de mãe, e lhe foi negada toda forma de participação na vida social produtiva. Os homens tomaram as rédeas da sociedade e fundaram um novo sistema social a serviço de suas necessidades. Da destruição do matriarcado, nasceu a sociedade de classes". 2. REED, Evelyn. *Sexo contra Sexo ou Classe contra Classe*, Proposta Editorial, São Paulo, 1980, pp. 50-51.

Podemos claramente perceber a importância do matriarcado. A este poder real que possuíam as mulheres, corresponde uma representação simbólica, que se expressa ao nível da religião, das crenças

e lendas. Na maior parte do matriarcalismo primitivo há o culto à fertilidade feminina. Podemos afirmar que no matriarcado primitivo as divindades são concebidas como elementos primevos femininos e variam em características e formas envolvendo a fertilidade. Como consequência a sexualidade, ao se ver envolvida de uma significação mítica, é concebida como sagrada e divina, com o predomínio da função da mulher, como apanágio feminino.

É muito difícil fazer afirmações generalizadas sobre o Matriarcalismo primitivo. É um tema que tem provocado ricas considerações e debate. Mas estudando alguns grupos e sociedades humanas atuais que vivem em estágios semelhantes aos pré-históricos, na África, Oceania e Ásia, bem como em alguns lugares das Américas, observam semelhanças e curiosidades que nos permitem alinhar certas conclusões. A pré-história constituiu a maior duração da existência do

homem sobre a terra. Ainda no Paleolítico temos as primeiras manifestações artístico-culturais do homem: as pinturas rupestres, isto é, pinturas conservadas nas cavernas. Associadas à magia, as pinturas retratam situações de caça e da sua atividade de caçador. Mas envolvem um outro tema: a mulher e a fertilidade. É deste período u das mais antigas e belas esculturas humanas: a Vênus de Willendo retratando o corpo feminino, provavelmente como um ícone religioso cúltico, com as nádegas e seios avantajados.

Esta representação cúltica se cristalizou no Neolítico, que é período seguinte ao Paleolítico, iniciando-se por volta do ano 9. a.C. quando grandes transformações climáticas e o aumento generalizado da população, bem como a descoberta da pedra polida fizera escassear a caça e pesca obrigando a uma maior sedentarização e substituição da caça pelo pastoreio, com a domesticação de alguns animais, e da coleta pela agricultura. A princípio a agricultura, a fiação e a tecelagem eram funções e privilégios das mulheres, mas transformações sociais provocadas pela sedentarização, pela produção de excedentes, pela perda da identidade de caçador por parte do homem levaram ao aparecimento de propriedades da terra, de um novo grupo social semelhante a uma família primitiva e a formas rudimentares de uma organização política. É no Neolítico que encontramos as primor rãs formas de religião e poder patriarcal, isto é, dominado pelo homem e pela função de pai ou chefe.

Surgem as primeiras grandes culturas de trigo, cevada, arroz, milho e mandioca. A agricultura é fator fundamental de subsistência e também de certa forma a propriedade da terra. Os homens logo controlam o poder real, os exércitos e as formas de defesa, luta e guerra, e o poder ideológico, a religião, assumindo as funções religiosas, mágicas e sacerdotais. É nesta passagem que em muitas sociedades há a submissão da mulher e sua semi-escravização cultural. As funções da mulher são usurpadas pelos homens e em decorrência surgem as representações simbólicas do poder masculino, os deuses são machos, as leis, funções e organização militar e religiosa são privilégios exclusivos do homem.

A sexualidade mítica, calcadamente matriarcal, ainda se encontra presente nas comunidades indígenas da América, África e Oceania.

Os estudos de alguns antropólogos comprovam isso, como é de destacar as pesquisas de Malinowsky na África e Oceania. A maior parte destes estudos vem demonstrar que o "masculino" e "feminino" são representações coletivas e sociais que se pode construir sobre a diferença sexual biológica. Não tem fundamento extrair da diferença biológica entre os sexos, macho e fêmea, a diferenciação de capacidades e potencialidades, esta outra social e histórica. Margareth Mead estudou três sociedades distintas em seu livro "Sexo e Temperamento", escrito em 1950: os Arapesh, os Mondugumor e os Tchambulli, na África. Ela observou que o "masculino" e "feminino" variam muito entre estas culturas, formando diferentes funções sociais e representações simbólicas. Entre os Arapesh, homens e mulheres são ternos, maternais, calmos e dóceis. Orientam-se conjuntamente para a cooperação, trabalho e educação das crianças. Não é acentuada diferença de comportamento entre os dois sexos. Parece ser uma expectativa social a procura de um tipo ideal único ou semelhante. Entre os Mondugumor também se observa a construção de um tipo ideal único, só que contrário ao modelo dócil dos

Arapesh. Ali se constrói, sob determinado processo educativo das crianças e adolescentes, um modelo de "masculino" e "feminino" agressivo e violento. Não desenvolvem um tipo próximo do "maternal", mas apresentam-se como indivíduos autônomos, implacáveis e soberanos em suas atitudes. Não há contraste entre os sexos, os dois produzem a vida material tribal e dividem as funções administrativas. Já se vê totalmente o contrário entre os Tchambulli, ali o homem é emocionalmente dependente e submisso e a mulher é forte, dirige a tribo, domina a produção, o pastoreio e a vida social tribal. É ela a proprietária das choupanas e a que controla a religião e a força. O homem é dócil, frágil e submisso, assumindo funções de limpeza e conservação da tribo e das crianças. Parece ser a sociedade inversa da nossa cultura machista ocidental. Encontra-se ali também a prática da prostituição masculina, geralmente causada por aqueles homens que se tornaram marginais à ordem social.

Assim podemos observar que o enquadramento de funções e papéis sexuais decorre da estrutura social e da cultura. A regulamentação do comportamento sexual é determinada pelos interesses estruturais da cultura, além do desejo e da existência pessoal.

Como observamos a questão da variação dos papéis sociais, podemos também discutir o casamento, que foi no Ocidente a forma tradicional e oficial do convívio sexual, da procriação e da transmissão do nome e propriedade. Defendido como valor eterno e imutável como categoria universal, o casamento monogâmico cristão tem origem nos primórdios do primeiro milênio. A poligamia é prática comum entre os hebreus antigos, já a tradição dos romanos e gregos monogâmica, mais tarde acentuada pelos bárbaros, pois estava relacionada à estrutura de poder sócio-econômico do que propriamente com a vivência da sexualidade. No confronto das duas culturas o Cristianismo abandona a poligamia hebraica e adota a monogamia patriarcal greco-romana.

Contudo, em algumas sociedades a estrutura e função do casamento difere muito. Entre os Nahagar, na Índia, uma adolescente se casa "espiritualmente" com um homem após a 1ª menstruação, recebe um sinal de pertença (um colar) mas não vive com ele. Volta à casa dos pais, pode ter relações sexuais com vários homens e todos os filhos que tiver serão do seu "marido ritual". A função do casamento é a de legitimar os filhos e nada mais. Parece-nos que em muitos lugares do Brasil há um grande número de convivência marital sem casamento, principalmente em áreas pobres e sem assistência religiosa ou civil regular. No Caribe, 53% dos nascimentos são "ilegítimos", o que demonstra uma relativa recusa do casamento oficial ocidental. Na maior parte das sociedades humanas a poligamia é tida como normal e só 16% destes grupos adotam a monogamia. A poliandria, casar-se com vários homens, é menos comum mas é também encontrada na África, na Índia e em outras regiões do mundo. Fato curioso é que em quase todas as sociedades do mundo o casamento pode terminar por divórcio ou um rito de separação.

Nesta perspectiva 'transcultural' podemos relacionar outras curiosidades: sociedades onde o preço do dote de uma esposa é muito alto, sendo que vários irmãos poupam a quantia necessária para tê-la como esposa comum; sociedades onde o menino é obrigado a ter a 1ª relação sexual com a mãe. No Egito e entre

os Incas os imperadores ou faraós eram obrigados a casar com suas irmãs, para manter o poder no seio da própria família. Cleópatra é filha de uma geração de 12 irmãos e ela própria casou-se com seu irmão, que era ao mesmo tempo seu tio.

Há em muitas sociedades regras rígidas sobre o incesto entre pai e filha, mãe e filho, em outras tal costume é permitido e até exigido socialmente. Importa-nos observar que estas leis e regulamentos são dinâmicos, culturais e condicionados a interesses, crenças e costumes.

Hoje o casamento passa por séria crise. Já não é mais o "referendum" social para a sexualidade nem a célula procriativa. Passa a ser núcleo de enquadramento ideológico e em muitos casos a forma de vencer a solidão estrutural do mundo moderno.

A FORMAÇÃO DO PATRIARCALISMO

O mundo patriarcal tem suas origens por volta do oitavo milênio a.C., no Oriente Médio conhecido como "crescente fértil". A Bíblia relata a experiência dos hebreus frente aos demais povos da região, iniciando-se pela descrição das "origens" do mundo. Hoje todo mundo sabe que esta linguagem bíblica é mitológica e carregada de significação mítica. Desde as primeiras narrações do Gênesis há uma clara política sexual implícita nestas lendas: Deus cria a mulher da costela de Adão, símbolo de dependência, e nomeia o homem "senhor de todas as coisas". Aliás a própria concepção de Deus é masculinista, uma projeção machista que explicita o estágio do patriarcalismo entre os hebreus. A ideologia religiosa inverte a realidade, pois é o homem que "sai" da mulher e não esta que "sai" do homem, como relata o mito adâmico.

O mundo descrito pela Bíblia é o mundo patriarcal, registrado pela escrita, que já era outra distinção masculina, como o sacerdócio e as funções produtivas e militares administrativas. Entre os hebreus a mulher era um "ser inferior" ao homem, não podendo participar ativamente da religião a não ser sob obediência do marido. A adúltera era apedrejada e a menstruação tida como impureza. A mulher era discriminada e semi-escravizada pelo marido, pai ou senhor. Frequentemente se exigia um dote para que um homem "comprasse" sua esposa, a poligamia era norma comum como é o caso do patriarca Jacó, ou Israel, um dos grandes patriarcas hebreus que, prestando serviços a Labão, resgata pelo seu trabalho duas esposas e suas escravas: Lia e Raquel.

Seria muito temeroso investir sobre as causas deste patriarcalismo rígido entre os hebreus. É certo que o pastoreio, que é a atividade primária dos hebreus, já é um estágio econômico onde o matriarcalismo primitivo fora vencido e os homens tinham estratificado seu poder sobre as mulheres, usurpando muitas de suas funções pela perda da identidade e função social primitiva de caçador e coletor que se suprimia com a sedentarização. Mas no caso hebreu há um agravante, pois com a perda da identidade territorial e frequentemente dominados e ameaçados pelas potências de então, os Hebreus cristalizam suas instituições básicas fundamentais, não permitindo sua evolução normal, extratificando o patriarcalismo e outras instituições religiosas realce.

Texto complementar . VILLAS BOAS, Orlando e Claudio. Xingu - os índios, seus mitos, Círculo do Livro, São Paulo, pp. 113-115

O mito da luta entre o homem e a mulher pela posse do "Jakuí" (poder).

As Iamuricumá tocavam uma flauta chamada jakuí. Tocavam, dançavam e cantavam todos os dias. De noite, a dança era executada dentro do tapãim [casa das flautas], para que os homens não vissem.

As flautas eram vedadas a eles. Quando a cerimônia era realizada durante o dia, fora do tapãim, os homens tinham que se fechar dentro de casa. Só as mulheres se conservavam de fora, tocando, cantando e dançando, e sempre enfeitadas com colares, penachos, braçadeiras e outros adornos, hoje próprios dos homens. Quando acontecia um homem, por descuido, ver o jakuí, as mulheres imediatamente o agarravam e o violavam todas. O Sol e a Lua não sabiam de nada disso, mas da aldeia deles estavam sempre ouvindo as cantorias e os gritos das Iamuricumá. Um dia a Lua disse que era preciso ir ver o que as Iamuricumá estavam fazendo. Resolveram ir, e foram. Aproximaram-se da aldeia e ficaram de longe, olhando. A Lua não gostou de ver o movimento das mulheres: as velhas tocando curutá e dançando, outras tocando o jakuí, e outras ainda gritando e rindo alto. O Sol e a Lua, para ver melhor, avançaram mais e entraram na aldeia. As mulheres estavam em festa. Quando o Sol e a Lua iam chegando, o chefe delas disse para o seu pessoal:

- Não falem nada, senão eles vão fazer uma coisa qualquer para nós.

O Sol, logo na chegada, disse à Lua:

- Não estou achando bom mulher tocar Jakuí. Isso não pode ficar assim.

Depois começaram a conversar sobre a maneira de resolver o caso, dizendo o Sol à Lua:

- Vamos fazer um horí-horí [zunidor] para pôr medo nas mulheres.

- Vamos fazer, então, e acabar com isso. Está muito feio assim.

Dito isso, saíram a preparar o horí-horí. Levaram um dia inteiro. Depois de pronto o zunidor, a Lua perguntou quem ia levá-lo contra as mulheres, para pôr medo nelas.

- Pode deixar que eu levo - disse o Sol.

E passou a se enfeitar com braçadeiras de penas, penachos e outras coisas. Depois de se adornar todo, seguiu no rumo das Iamuricumá. A Lua ficou esperando na aldeia. O Sol, ao se aproximar, começou a girar o enorme horí-horí que ele fez. As mulheres continuavam dançando, mas já amedrontadas com a zoadá daquela coisa que vinha chegando. Quando viraram os olhos e viram o Sol trazendo e fazendo zoar o seu medonho horí-horí, ficaram apavoradas. A Lua gritou mandando as mulheres se recolherem dentro das casas. Estas na mesma hora largaram tudo e correram para dentro. Os homens, por sua vez, saíram para fora dando gritos de alegria e se apoderaram dos jakuí. Vendo o que acontecia, a Lua falou:

- Agora está certo. Os homens e que vão tocar jakuí e não as mulheres.

Naquela mesma hora os homens começaram a tocar e a dançar no lugar das mulheres. Uma delas, que havia esquecido uma coisa no meio da aldeia, pediu, de dentro da casa, que a levassem para ela. Quando viu isso a Lua falou:

- Agora vai ser sempre assim. Desse jeito é que está certo. Mulher é que tem de ficar dentro de casa, e não homem. Elas vão ficar fechadas quando os homens dançarem o jakuí. Não podem sair. Não podem ver. As mulheres não podem ver o horí-horí, também, porque este é o companheiro do jakuí. Os homens aprenderam tudo que as Iamuricumá sabiam: as músicas do jakuí, os seus cantos e danças. Primeiro, eram só elas que sabiam.

CAPITULO II

O MODELO PATRIARCAL

Embora a questão do patriarcalismo seja muito complexa e abrangente, limitaremos nossa reflexão sobre a origem da estruturação do patriarcalismo no Ocidente. As três fontes fundamentais deste patriarcalismo ocidental são, a grosso modo, a tradição religiosa e moral hebraica, a cosmovisão e estrutura social greco-romana e as instituições familiares bárbaras medievais. Sincronizadas entre si estas três fontes acabam por estruturar os elementos básicos da cosmovisão cristã, que sobre a sexualidade possui fortes características negativistas, estóicas e neoplatônicas, como será visto no capítulo seguinte. Limitaremos-nos a tentar descrever as origens e conseqüências do patriarcalismo entre os povos antigos do Oriente Médio por volta do 5.0 milênio a.C. e a forma destes caracteres na sociedade grega.

Em primeiro lugar a sociedade pastoril hebraica. Povos pastores e nômades, as tribos hebraicas têm sua origem na Mesopotâmia, da cidade de Ur, de onde fugiu Abraão, o patriarca primeiro, com sua família, para a terra de Canaã. O estágio pastoril já marca na maioria dos povos da região, a superação do estado primitivo de coletores e caçadores, onde vimos, houve a hegemonia matriarcal, para a hegemonia machista. A organização primitiva da sociedade já é controlada pelos homens e as representações simbólicas como a religião já são marcadas por esta nítida estrutura de poder.

Os hebreus, cuja fonte histórica de conhecimento é a Bíblia, têm um Deus concebido como "Homem", senhor e primeiro patriarca, exigente de fidelidade exclusiva e juiz implacável. A mulher é inferiorizada, impura, não participa do sacerdócio exclusivamente masculino e nem freqüenta o centro do templo. A própria estruturação básica dos hebreus, jurídico-religiosa, sob Moisés e a experiência do deserto, entendida como a entrega dos 10 mandamentos reflete isto. O último dos mandamentos diz assim:

"Não cobiçarás a casa do teu próximo, não desejarás sua mulher, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença a teu próximo."

(Ex 20,17)

A mulher é tida como "propriedade" do homem e se encontra no mesmo estado dos servos, bois e jumentos que eram animais valiosos. A sanção da lei não é moral, é econômica, sobre a "cobiça mulher".

Esta concepção marca todo o Antigo Testamento. A mulher tida como "auxiliar do homem" em Gn 2,18 e deve permanecer sob seu domínio e serviço. No mito de Adão a maldição de Deus retrata a condição da mulher.

"Teu marido te dominará" (Gn 3,18)

Há nítido privilégio na educação dos meninos e a submissão, contenção e obediência são as "virtudes" da mulher ideal, como vem em muitos textos Bíblicos. O matrimônio em Israel não é de ordem religiosa ou jurídica, é um contrato familiar entre senhores, e a mulher possuía um preço, que posteriormente se transformou em dote. Tudo se arranjava sem ouvir a moça, era entre os pais, negócio entre homens. Depois que o homem pagava o "preço da noiva" ela era sua propriedade e ele o seu dono. O marido devia sustentar a esposa e o fim imediato do casamento era gerar filhos, que eram tidos como bênção de Deus e sinais de riqueza e abundância. A poligamia era regra comum, o incesto proibido e havia severas leis de normatização sexual.

Percebemos que as concepções sobre o Homem e a Mulher oriundas da tradição judaica influenciaram muito a cultura ocidental através do Cristianismo. Aqui encontramos o substrato básico ético das concepções medievais e modernas sobre os dois sexos e sua relação social. Não podemos nunca compreender a extensão do patriarcalismo atual sem compreender estas bases históricas de nosso universo de valores e crenças. A crítica destes modelos é fator fundamental para a criação de novas formas de compreensão dos papéis sexuais e pela superação destas cristalizações históricas preconceituosas e discriminatórias.

Freqüentemente estas representações simbólicas da sexualidade eram reforçadas com todo o poder da prescrição religiosa, entre os hebreus, que era outro privilégio dos homens. As principais concepções hebraicas da mulher têm raízes nos povos circunvizinhos da Mesopotâmia e das regiões intermediárias do Mediterrâneo, embora em outros povos encontremos melhores condições para a mulher. Para compreender estas afirmações vamos relatar algumas experiências antigas:

a. A mulher em Creta

Talvez a única civilização onde a mulher possuía um grau de igualdade com os homens. Na Ilha de Creta floresceu uma das civilizações que deram origem aos gregos. Ali havia o culto da "Deusa Mãe", uma espécie de politeísmo matriarcal, marcado pelos ritos de louvor à fecundidade da agricultura. As mulheres eram sacerdotisas elegantemente vestidas e a vida social marcada pelo lúdico: festas, jogos e danças.

b. As sacerdotisas de Astarté

As chamadas sacerdotisas de Astarté eram mulheres jovens que aguardavam os guerreiros fenícios após as longas viagens. O culto à fertilidade consistia em festas sexuais públicas com caráter religioso, extremamente atraentes também entre outros povos vizinhos.

O PATRIARCALISMO GREGO

Para entender todo o complexo de valores, significações e riqueza da questão sexual entre os gregos teríamos que reportar necessariamente a Foucault. Contudo, nosso objetivo é bem mais simples ... Se indicarmos Foucault é muito mais pela paixão e maestria com que trata a questão da sexualidade do que no propósito pedagógico que nos interessa.

Os gregos são os baluartes da civilização ocidental. A sexualidade está em sua cultura misturada com seus deuses, sua religião e seus conhecimentos. É muito comum hoje afirmações de que entre os gregos a homossexualidade era tida como normal. Isto não é todo incorreto, visto que a sexualidade grega envolvia a submissão da mulher, a exclusividade dos homens nos jogos e festas, na vida militar e administrativa. Mas a questão das relações homossexuais entre os gregos deve ser entendida em outra chave, não a que divide os sexos opostos, mas a questão da passividade e da atividade nos atos que envolve o sexo, assim como toda a vida social grega. Foucault magistralmente define isto:

"Numa experiência da sexualidade como a nossa, onde uma cesura fundamental opõe o masculino e o feminino, a feminidade do homem é percebida na transgressão efetiva ou virtual de seu papel sexual. Ninguém será tentado a dizer de um homem, cujo amor às mulheres o leva ao excesso, que ele seja efeminado - a não ser operando sobre o seu desejo todo um trabalho de decifração e desentocando 'a homossexualidade latente' que habita em segredo sua relação instável e multiplicada com as mulheres. Ao contrário, para os gregos, é a oposição entre atividade e passividade que é essencial e marca tanto o domínio dos comportamentos sexuais como o das atitudes morais; vê-se, então, porque um homem pode preferir os amores masculinos sem que ninguém sonhe em suspeitá-lo de feminidade, desde que ele seja ativo na relação sexual e ativo no domínio de si; em troca, um homem que não é suficientemente dono de seus prazeres -- pouco importa a escolha de objeto que faça - é considerado como 'feminino'. A linha de demarcação entre um homem viril e um homem efeminado não coincide com a nossa oposição entre hetero e homossexualidade; ela também não se reduz à oposição entre homossexualidade ativa e passiva. Ela marca a diferença de atitude em relação aos prazeres; e os signos tradicionais dessa feminidade - preguiça, indolência, recusa das atividades um tanto rudes do esporte, gosto pelos perfumes e pelos adornos, lassidão... (malakia) - não designarão forçosamente aquele que será chamado no Século XIX 'o invertido', mas aquele que se deixa levar pelos prazeres que o atraem: ele é submisso aos próprios apetites assim como aos dos outros. Face a um rapaz muito afetado Diógenes se zanga; mas ele considera que esse porte feminino pode trair tanto o seu gosto pelas mulheres como pelos homens. O que constitui, para os gregos, a negatividade ética por excelência, não é, evidentemente, amar os dois sexos; também não o é preferir seu próprio sexo ao outro; é ser passivo em relação aos prazeres" . FOUCAULT, M. op. cit., p. 79.

A passividade com relação ao sexo é que é para estes a aproximação do "feminino" e a perda da qualidade distintiva de macho. O grego tem o orgulho como norma de autoconcepção. O casamento é um contrato entre senhores, à semelhança dos hebreus, e envolve o nome de família, que é transmitido pelo mesmo na procriação. De modo algum existia exigência de fidelidade conjugal. O casamento, e as relações sexuais com a esposa eram um dever social, regulado por normas e prescrições. A mulher pertencia ao marido e estava proibida de outras relações sexuais, mas o marido era livre e senhor de sua conduta, não havia sanções sociais que o impedissem de ter outras relações hetero e

homossexuais fora da sua casa. O casamento era fim econômico e instância de legitimação dos herdeiros e com estes o nome, o status e a propriedade. Não há um rígido controle moral além disso. Assim descreve Foucault o marido grego: "Ele próprio, enquanto homem casado, só lhe é proibido contrair outro casamento; nenhuma relação sexual lhe é proibida em consequência do vínculo matrimonial que contraiu; ele pode ter uma ligação, pode freqüentar prostitutas, pode ser amante de um rapaz - sem contar os escravos, homens ou mulheres que tem em sua casa, à sua disposição". FOUCAULT, M. op. cit., p. 132.

Deste modo vemos que muito de nossa tradição marital tem raízes - se bem que por caminhos históricos controversos, como posteriormente se verá com austera moral cristã - no modelo grego de matrimônio. O homem não está ligado ou comprometido com a mulher pelo casamento. A categoria de esposa é uma categoria de submissão. O marido tem poder sobre ela. Uma mulher que tivesse sido cortejada por outro homem teria uma punição rigorosa pois seria um atentado à honra de seu marido e senhor.

O ideal para a mulher é permanecer em casa, conter-se sexualmente, dirigir a casa e prover o marido docilmente em todos os seus gostos e quereres. O marido é o senhor da esposa e dos filhos, o chefe da casa e dos escravos e faz tudo para exercer ativamente seu poder, que é estimulado e esperado dele socialmente. A mulher é a "dona obediente da casa" e o marido, chefe da família, lhe dá o "status" de esposa, que contém o nome, a casa, a organização dos bens, sem contudo ser exigido dele alguma fidelidade conjugal sexual qualquer. É interessante aqui lembrar o retrato das "mulheres de Atenas" na música de Chico Buarque, onde o compositor canta o retrato da mulher grega com o objetivo de instigar a mulher a refletir sobre esta condição hoje e transformá-la.

MULHERES DE ATENAS

Chico Buarque e Augusto Boal

Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de atenas

Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de atenas

Vivem pros seus maridos, orgulho e raça de atenas

Quando amadas, se perfumam

Se banham com leite, se arrumam

Suas melenas

Quando fustigadas não choram,

Se ajoelham, pedem, imploram

Mais duras penas,

Cadenas

Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de atenas

Sofrem pros seus maridos, poder e força de atenas

Quando eles embarcam, soldados

Elas tecem longos bordados

Mil quarentenas

E quando eles voltam sedentos

Querem arrancar, violentos

Carícias plenas
Obscenas
Mirem-se no exemplo daquelas, mulheres de atenas
Despem-se pros maridos, bravos guerreiros de atenas
Quando eles se entopem de vinho
Costumam buscar o carinho
De outras falenas
Mas no fim da noite, aos pedaços
Quase sempre voltam pros braços
De suas pequenas
Helenas
Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de atenas
Geram pros seus maridos os novos filhos de atenas
Elas não têm gosto ou vontade
Nem defeito nem qualidade
Têm medo apenas
Não têm sonhos, só têm presságios
O seu homem, mares, naufrágios
Lindas sirenas
Morenas
Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de atenas
Temem por seus maridos, heróis e amantes de atenas
As jovens viúvas marcadas
E as gestantes abandonadas
Não fazem cenas
Vestem-se de negro, se encolhem
Se conformam
Se conformam e se recolhem
Às suas novenas,
Serenas
Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de atenas
Secam por seus maridos, orgulho e raça de atenas

Aristóteles parece ser o primeiro grande teórico que se dedicou ao estudo das relações entre os sexos. Descreve o acasalamento dos animais e do homem. Mas nos interessa aqui sua doutrina sobre a associação entre homem e mulher, que se encontra em seu livro "Ética a Nicômaco", que tanta influência teve em São Tomás e todas as concepções medievais. Surge a concepção de uma complementaridade sexual "natural":

"E foi para melhor viver que a natureza dispôs, como fêz, o homem e a mulher. O primeiro é forte, o segundo contido pelo temor; um encontra sua saúde no movimento, o outro é inclinado a levar uma vida sedentária; um traz os bens para casa, o outro vela sobre o que aí está, um alimenta os filhos, o outro os educa". FOUCAULT, M. op. cit., p. 157.

Com o mito da complementaridade "natural" entre os sexos Aristóteles justifica e legitima a forma patriarcal do domínio da mulher e as estruturas básicas de sustentação da aristocracia grega.

Mais do que homossexualidade é mais próprio definir uma bissexualidade entre os gregos. Amar a mulher e rapazes era prática comum e livre admitida pela opinião social e estimulada por instituições pedagógicas, militares e religiosas. Não havia a opinião e exclusividade entre os sexos. O bom jovem era o que se dedicava ao prazer de uma forma pansexual, tanto com os "paidikas" (rapazes) como com as mulheres, que logicamente não eram as destinadas ao casamento aristocrático. Entregues aos amores com o mesmo sexo, os jovens gregos abandonavam esta espécie de "amizade" com a vida mais adulta para um novo conceito de amor: Eros, onde entravam os componentes de honra e poder, além do puro deleite.

Mas não podemos deixar de dizer que entre os gregos havia toda uma "sabedoria", uma ciência sobre o amor dos rapazes, normas de cortejo, amor, sedução, comportamento e assédio. As virtudes e honra do rapaz estão presentes na educação sistemática e são objetos de uma lenta prescrição de comportamentos. Já sobre o amor feminino, sem cortejo, figura ideal e assédio, há um relativo silêncio, próprio de um sistema que se baseia no exacerbado culto do homem e seu "phalós".

Machismo e Homossexualidade

Freqüentemente relacionamos as formas de expressão do machismo com violência. E realmente, na maior parte das vezes o machista é violento, dominador e grotesco. Há ainda o machismo encalacrado nas instituições familiares, nos valores, nas concepções de poder, na divisão dos comportamentos, nas cores e na distribuição dos brinquedos às crianças. É o patriarcalismo extratificado em todos os segmentos de nossa cultura.

Mas interessa-nos aqui abrir uma reflexão que venha a relativizar historicamente os que ingênua ou patologicamente afirmam a "naturalidade" do machismo e ostentam todo desprezo e aversão à mulher. Pois o machista é aquele que ama a si mesmo, cultua seu próprio sexo e o de seus semelhantes. Faz-se cercar de homens, com estes promove caçadas, pescarias, jogos; freqüenta bares e prostitutas, programas de toda espécie. Com a mulher tem uma relação de domínio e poder, mantendo-a em cativeiro doméstico ou na ostentação social de sua presa fálica. Nos círculos de amigos zombam e ridicularizam a mulher, têm sempre uma "boa" contra o feminismo e os "bichas". Despreza o homem que assume a "condição feminina", pois esta é para ele a abominação e a inferiorização máxima. É decadência qualitativa. Isso tudo, é claro, não é feito de modo consciente, há absolutamente pronto um processo ideológico de construção do machismo. Em outros níveis torna-se violento. Reprime e controla a mulher, bate e mata.

Só confia em homens, que possuam o sexo que ele ostenta, ridiculariza a mulher que dirige no trânsito e sempre desconfia das mulheres que se encontram em alguns postos proeminentes. Quer transar todas as mulheres mas acha que o mundo anda desgovernado, não há mais "moral". Para casar, ainda prefere que a esposa seja virgem.. .

Poderia estender ainda mais o retrato do machista. E afirmar que o machismo é uma forma sublimada de homossexualidade, pois o machista procura a si mesmo, tem como objeto erótico a figura de seu próprio sexo e de seus semelhantes. Discrimina e despreza a mulher e a condição feminina, não admite a igualdade dos sexos ou a construção social e histórica destes papéis sexuais. Tem uma forma muito pobre de relacionar-se com o mundo e nunca descobriu dialogicamente a mulher, embora tenha "possuído" muitas destas, que inconscientemente despreza.

A estrutura familiar patriarcal reforça o machismo desde a infância. Educa o menino para exibir seu sexo, gostar dele, ostentá-lo orgulhosamente, como vemos nas rodas familiares; num nítido narcisismo fálico. Já corri relação à menina dá-se o contrário; obriga-a a esconder seu sexo, mantê-lo misterioso e escondido, a não ter uma relação afetiva com sua identidade sexual. Para um o modelo estimula e incentiva toda expressão sexual, para o outro o domínio, reclusão e repressão.

Se não colocarmos em questão estes estereótipos já prontos e definidos nunca faremos uma real reeducação sexual. Creio mesmo que a corrente do sistema convencional tem um apelo irresistível a continuarmos repetindo as mesmas estruturas machistas e repressoras. Acabamos repetindo a matriz que se dá ao nível da macroestrutura social onde prevalece o poder, a dominação, a violência e expropriação.

É preciso tentar explicitar novas formas de relação entre os sexos dentro de novas formas de relações sociais. E este momento é o momento de educarmos a pessoa como sujeito de si, capaz de reconhecer se como tal frente à responsabilidade de sua existência e frente aos conflitos sociais de cuja realidade participa sem opção. Não se trata portanto de ser a favor ou contra a sexualidade antes ou depois do casamento, não se trata de regular a frequência sexual, dominar tecnicamente a questão. Trata-se de transformar o postulado básico: a pessoa humana, integrada, rica em significações, onde a paixão, o desejo e a sexualidade estão proeminentes como dimensão existencial. Educar para a responsabilidade da existência, e inserida nesta, a dimensão de responsabilidade pela sexualidade, que é a mais misteriosa expressão do "eu" e a mais comprometedora experiência do "outro", que é todo o mundo circundante.

Sobre a questão da homossexualidade sabemos muito pouco. Talvez os preconceitos e toda a discriminação que envolvem o assunto explicitem mais o que não é a homossexualidade do que propriamente o contrário. É relativamente recente um discurso positivo sobre o movimento homossexual.

Primeiro porque é muito difícil definir tanto a heterossexualidade como a homossexualidade. Entram elementos de ordem biológica, psicossocial e subjetiva que fazem escapar qualquer rigorismo nas afirmações. Todos nós somos um complexo de energias, forças, impulsos que tem muito pouco de definitivo e acabado. Definir alguém como "homossexual" ou "heterossexual" é bastante arbitrário e freqüentemente se pauta pelo preconceito.

A palavra "homossexual" quer dizer aquele que tem preferência, que ama, admira, tem como objeto erótico de satisfação os seres de seu próprio sexo. Já a palavra "heterossexual" quer dizer: "aquela que busca satisfação erótica em

peças de sexo diverso ao seu". A raiz destes termos é grega, "homo" quer dizer "igual, mesmo" e "hetero" significa "diferente, o outro" etc... .

Não se pode dizer que há um "tipo" acabado e pronto homossexual e um "tipo" heterossexual. Na realidade o que existe são pessoas que possuem um comportamento sexual de busca erótica e de compensação ou prazer com pessoas do mesmo sexo e outras que se pautam pelo modelo tradicional exigido pela educação social enquadradora e formal.

É mais correto afirmar portanto que existem formas de comportamento homossexual. Como já vimos, estas formas são variáveis e muitas vezes camufladas.

- há a convivência homossexual do machismo patriarcal que se autoprojeta sublimado e na realidade.
- há a homossexualidade transitória no processo adolescente de descoberta da sexualidade nesta sociedade repressora e patriarcal. Nos EUA são estes os dados:
 - 37% dos homens são homossexuais durante uma fase da vida.
 - 4% dos homens brancos no Ocidente são exclusivamente homossexuais.
 - 60% dos homens já tiveram alguma forma de experiência homossexual.
 - 3 % das mulheres são exclusivamente homossexuais.
 - 40% das mulheres já tiveram alguma experiência homossexual durante sua adolescência.

Outro mito é que esteja a homossexualidade aumentando na sociedade industrial moderna. O que se pode dizer é que, embora permaneçam muitos mecanismos de repressão e discriminação, há todavia maior espaço para a expressão da homossexualidade do que em outras épocas, onde era amaldiçoada e proscrita. Assim, maior número de pessoas sentem-se encorajadas a viver sua homossexualidade. Desde a Antigüidade a homossexualidade existe e é, de certo modo, mais combatida ou incentivada, como pudemos ver entre os gregos. Variam de cultura para cultura os conceitos e comportamentos tidos como homossexuais. Não é portanto, um fenômeno recente, pode até ser encontrado entre as tribos indígenas do Brasil ou entre os aborígenes da África ou Ásia.

A homossexualidade não tem relação com o tipo físico. Pesquisas recentes mostram que os homossexuais não diferem fisicamente dos heterossexuais, sendo que os caracteres tidos como "afeminados" para o homem e de "mulher-macho" para a mulher são categorias e variáveis ocasionais, que a rigor não determinam ou detectam a homossexualidade da pessoa. Na maior parte das vezes os desajustes de comportamento dos homossexuais, o exibicionismo, a imaturidade, a própria violência, são reações às formas de discriminação e preconceito com que a sociedade e a família tratam a sua condição.

- preconceito de que a homossexualidade seja uma perversão patológica.
- de que os homossexuais sejam violentos e apresentem distúrbios emocionais.
- de que os homossexuais sejam anormais.
- de que a homossexualidade seja "reversível".

Ora, sabemos que a constituição da sexualidade tem raízes no contínuo biológico e no enquadramento social histórico, continua contudo como uma diversão de foro íntimo e pessoal, sem possuímos muitos critérios de definição ou valoração sobre a mesma. Não se trata, portanto, de educar para a repressão, para a

reversão ou para a camuflagem da homossexualidade. Trata-se, outrossim, de educar para que a pessoa humana conheça seus próprios desejos e viva a sua sexualidade, seja hetero ou homo-sexualmente, de maneira gratificante e realizadora.

Todavia não se pode prescindir da longa tradição preconceituosa que existe em nossa cultura. É preciso que o homossexual seja educado para a devida consideração dos mecanismos desta repressão, quer para evitar possíveis traumas e crises como para fazer a crítica destes mecanismos e colocar-se politicamente em marcha por uma nova compreensão da sexualidade em geral e da homossexualidade em questão.

CAPÍTULO III

A SEXUALIDADE PROSCRITA NA IDADE MÉDIA

O terceiro grande modelo valorativo da sexualidade tem origem no sistema de relações e de significações que se construiu no início da era Cristã. O próprio Cristianismo, nascido na tradição Judaica primitiva, ao expandir-se pelo mundo Grego sofre transformações radicais em seu substrato original e se constitui como sistema de significações e ideologia capaz de acelerar as contradições que se faziam presentes no centro do mundo de então: a grande Roma! Ali o Cristianismo terá seu canteiro próprio, a princípio nas catacumbas e na boca dos pobres como ideologia revolucionária pois pregava aos oprimidos a libertação de um Deus-Homem heróico e reparador dos pecados; pregava a distribuição dos bens, numa espécie de socialismo primitivo, e negava o poder divino do imperador dessacralizando o panteão romano com a figura de Cristo, o "único Senhor".

De ideologia revolucionária e num processo complexo o Cristianismo passa a "religião oficial do Império" sob Constantino, no século IV. Este processo político coincide com a lenta fusão das tradições judaicas básicas e todo o substrato cultural de então que se sedimentara na cultura grego-romana. O Cristianismo perde cada vez mais seu peso político e passa a ser uma ideologia universalista e moralista, a supra-estrutura híbrida que construirá o imaginário social medieval. É uma cosmovisão de tamanha força que será capaz de enquadrar os bárbaros e subsistir como síntese histórica de maior alcance cronológico do Ocidente. E de modo privilegiado destacaremos como o patriarcalismo hebraico e o falocratismo grego se fundem no clericalismo cristão feudal, conservando elementos como a submissão e desvalorização da mulher, a repressão sexual, o sistema de culpas e controle sexual, a regulamentação da conduta sexual e os mecanismos de representação simbólica negativa desta sexualidade enquadrada de maneira reprimida. Não nos importa muito como historicamente isto se dá, visto que a sociedade feudal não é homogênea, mas sim os elementos desta grade de representação da sexualidade e a lenta difusão destes elementos até nossos dias.

A SEXUALIDADE NA BÍBLIA

A Bíblia é um conjunto de livros históricos, livros de contos, cartas e cânticos do povo hebreu que tem uma longa etapa de compilação a partir do ano 2000 a.C. Retrata em diversos momentos as etapas do povo de Israel e sua experiência

religiosa monoteísta e única. Com o Cristianismo no Ocidente a Bíblia passou a ser o livro sagrado de quase todas as religiões e seu conteúdo é o substrato inconsciente de todos os grandes movimentos histórico-ocidentais.

Também não nos importa alongar esta questão, mas sim explicitar que o povo hebreu viveu, e a Bíblia é a fonte histórica disto, experiências similares aos povos vizinhos do Oriente Médio, possuindo estruturas, valores e compreensão de mundo semelhantes, que freqüentemente aproximavam estes povos num longo processo de aculturação.

O Antigo Testamento admite a poligamia como norma básica, o divórcio era um privilégio dos homens que podiam repudiar suas mulheres com vemos em Dt 24,1:

"Quando um homem tiver tomado uma mulher e consumado o matrimônio, mas esta logo depois não encontra mais graça a seus olhos, porque viu nela algo de inconveniente, ele lhe escreverá então uma ata de divórcio e a entregará, deixando-a sair de sua casa em liberdade. Tendo saído de sua casa, se ela começa a pertencer a um outro, e se também este a repudia, e lhe escreve e entrega em mãos uma ata de divórcio, e a deixa ir de sua casa em liberdade (ou se este outro homem que a tinha esposado vem a morrer), o primeiro marido que a tinha repudiado não poderá retomá-la como esposa, após ela ter-se tornado impura: isso seria um ato abominável diante de Iahweh. E tu não deverias fazer pecar a terra que Iahweh teu Deus te dará como herança".

As mulheres não podiam pedir o divórcio em nenhuma hipótese e eram apedrejadas se fossem flagradas em adultério. Se o marido morria o irmão era obrigado a casar com a viúva e a sustentar os filhos. Isto era conhecido como levirato.

Encontramos ainda normas reprimindo a homossexualidade (Lv 22,20, Gn 9,21, o travestismo), (Dt 32,5, a prostituição), (Dt 23,17 e a bestialidade Lv 18,23).

A menstruação é tida como impureza da mulher (Lv 15, 19-23) e se punia com a morte a mulher e o parceiro que mantivessem relações sexuais durante o fluxo menstrual (Lv 20,18). O parto também gera impureza e obriga a mulher a um recolhimento e banho de pureza. É impura a poluição noturna e o ato conjugal (Lv 15,18). O incesto é proibido (Lv 18), mas sabe-se que existiam exceções como em Gn 20,12.

O livro de Tobias e o Cântico dos Cânticos retratam uma sexualidade poética, romântica e positiva, dentro dos limites da religiosidade hebraica.

A circuncisão, presente em muitas tribos africanas, era a distinção religiosa do hebreu. A sexualidade, a fecundidade do varão era prova das bênçãos de Deus e o "falos" o sinete de sua pertença e escolha. O patriarcalismo religioso hebraico é um dos mais rígidos do mundo antigo:

"Deus disse a Abraão: `Quanto a ti, tu observarás a minha aliança, tu e tua raça depois de ti, de geração em geração. E eis a minha aliança, que será observada entre mim e vós, isto é, tua raça depois de ti: que todos os vossos machos sejam circuncidados. Fareis circuncidar a carne de vosso prepúcio, e este será o sinal da aliança entre mim e vós. Quando completarem oito dias, todos os vossos machos serão circuncidados, de geração em geração. Tanto o nascido em casa quanto o comprado por dinheiro a algum estrangeiro que não é de tua raça, deverá ser

circuncidado o que for nascido em casa e o que for comprado por dinheiro. Minha aliança estará marcada na vossa carne como uma aliança perpétua. O incircunciso, o macho cuja carne do prepúcio não tiver sido cortada, esta vida será eliminada de sua parentela: ele violou minha aliança".

O Novo Testamento é o lugar sobretudo da doutrina de Paulo, este judeu-grego convertido ao Cristianismo tão pouco compreendido por nosso tempo. A doutrina cristã sobre a sexualidade tem muito a ver com Paulo e depois com a longa tradição parenética, que se construiu com a Patrística.

Paulo condena a homossexualidade, o adultério, a fornicação e a prostituição, além de pregar abertamente a indissolubilidade do matrimônio, sedimentando para tanto fortes razões teológicas. Propõe um ideal de mulher submissa, obediente ao marido e parece louvar a vida celibatária. Estes preceitos sexuais paulinos refletem a "pureza" do cristão frente aos "pagãos" da época, e são para Paulo, muito mais um instrumento de pregação do que dogmas acabados, posteriormente cristalizados pelo magistério da Igreja.

A Patrística é outra fonte da moral sexual primitiva. Nos ensinamentos dos Santos Padres da Igreja começa a tomar corpo uma moral sexual rígida e profundamente negativa, com as características de exaltação da continência do celibato e repulsão de todo sexo, submissão da mulher e do corpo. Aparece o ideal da VIRGINDADE, como forma de identidade cristã, de "pureza" e distinção vocacional. A condenação do adultério e a proibição do divórcio, antes praticado por todas as sociedades pagãs, também são renovadas.

É difícil interpretar o rigor da moral sexual cristã primitiva. Possivelmente tal rigorismo seja a forma de identidade cristã frente à extrema liberdade sexual dos povos pagãos da época, que pouco a pouco "convertiam-se", ou eram enquadrados, à moral cristã. Basta perceber que a virgindade, ao lado do mistério, era o modelo prototípico de consagração e de identidade cristã.

Mas sobretudo é de fundamental importância compreender que este rigorismo moral sobre a sexualidade é reforçado a partir da lenta influência e incorporação da moral e da filosofia pagã ao Cristianismo, e dentro desta, a lenta assimilação do Neoplatonismo e do Estoicismo individualista ascético e negativista. O estudioso da moral cristã Marciano Vidal assim nos retrata este movimento:

"A moral sexual cristã recebeu do estoicismo seu ascetismo e rigorosidade, e uma orientação unilateral no sentido da procriação. A influência neoplatônica se percebe na compreensão dualista de alma-corpo e nas prevenções diante da 'matéria' (corpo) entendida como sombra e inimiga do espírito". 1. VIDAL, Marciano. *Moral de Atitudes*, Editora Santuário, 1979, p. 317.

Para Santo Agostinho, que carrega em sua doutrina um forte acento maniqueísta, e cuja obra resume toda a moral sexual dos Santos

Padres, a sexualidade é uma qualidade má, fruto do "pecado" do homem, o casamento tem o fim único de procriação e todo ato sexual é pecaminoso fora deste propósito. Muito mais tarde, ao tentar corrigir a hipocrisia e decadência da moral cristã medieval, Lutero encontrará aqui novo vigor para construir sua moral procriativa protestante, tão a gosto do mundo burguês que se construía então sobre as bases carcomidas do medievalismo.

A Idade Média constrói uma visão extremamente negativa da sexualidade. A princípio a Igreja enquadra a nobreza feudal, da qual ela fazia parte, num rígido moralismo religioso onde a sexualidade é carregada com todas as conotações das culturas que estão na base da tradição cristã:

- o patriarcalismo, a exaltação do poder do homem hebreu.
- o dualismo platônico idealista e místico.
- o estoicismo moral que negava a matéria e o prazer como intrinsecamente "maus".
- o maniqueísmo agostiniano que vê na sexualidade a fonte de todos os pecados, o pecado original conseqüente da "queda" de Adão.
- o lento enquadramento dos agentes religiosos no celibato e o ideal de virgindade.

O negativismo de Agostinho vai mais longe, condenando a sexualidade até mesmo no matrimônio, chega a estruturar um conceito sublimado de amor no casamento:

"No verdadeiro matrimônio, apesar dos anos, embora murchem o viço e o ardor da idade florida, entre o homem sempre reina a ordem da caridade e do afeto que vincula fortemente o marido e a esposa, os quais, quanto mais perfeitos forem, tanto mais madura e prudentemente, e de comum acordo, começam a se abster do comércio carnal" VIDAL, Marciano. op. cit., p. 321.

A moral sexual de Agostinho, que foi a base doutrinária da moral cristã, é portanto, extremamente rígida e negativa da sexualidade. Escreve argumentos condenatórios contra a anticoncepção com drogas ou com a interrupção do ato bem como condena as relações anais ou felação.

Para ele o único meio de justificar a sexualidade é a procriação e estes gestos e atitudes vão contra esta natureza. Condena até a continência de relações no período fértil da mulher pois é "atentar contra o fim natural do sexo".

Outros padres da época de Agostinho acrescentam ao rigorismo de sua moral a proibição de familiaridades com mulheres, as conversas "luxuriosas" e obscenas, a fornicação nos banhos públicos. Tertuliano, que é do século 111, condena todo adorno corporal e toda maquiagem das mulheres, para que estas "não sejam causa de tentação para si mesmas e escândalo para as outras, pois pintar os cabelos de vermelho é antecipar o fogo do inferno".

Outros tratados de moral sexual estabelecem a conduta dos padres, que na época eram casados, aconselham a virgindade e o ideal celibatário, condenam o prazer e regulam as relações conjugais.

Dos séculos VI ao XII faz-se o lento enquadramento dos povos bárbaros nesta moral sexual cristã. A sexualidade não é considerada como uma dimensão positiva, capaz de ser fonte de valores humanos ou religiosos. Cada vez mais avolumam-se os preceitos e dogmas repressores e normatizadores da sexualidade procriativa e matrimonial.

Algumas seitas desta época vão ainda mais longe na condenação de sexo em todas as suas formas, inclusive no casamento. Os cátaros, um grupo moralista e rígido, afirmaram que todo prazer carnal é pecaminoso, o casamento é o exercício de um meretrício demoníaco e toda concepção é um ato do demônio

pois traz ao mundo humano desprezível, ao corpo humano pecaminoso, uma "alma" pura que estava junto de Deus.

São Jerônimo (séc. IV) é antifeminista e defensor do celibato, associado ao ideal de virgindade. Para sua sexofobia maniqueísta a mulher é "instrumento do demônio" para corromper os homens puros,

o casamento uma falha humana leve de não-continência e o ideal celibatário a plena realização do homem cristão. Esta doutrina influenciou muito a Igreja primitiva e a sociedade medieval, mas o celibato só foi oficializado em 1139 no II Concílio de Latrão.

Apesar do rigorismo moral oficial e da lenta estruturação de mecanismos controladores da sexualidade, a Igreja não conseguia enquadrar todos os segmentos sociais, principalmente o povo, a plebe rural e urbana, em seus preceitos. O medo, a condenação do Inferno e as devoções populares são estes mecanismos, mas o mais eficaz de todos foi sobretudo a confissão. A partir do século XII a confissão começa a ter uma função social profunda, a princípio entre as classes pobres e depois da Contra-Reforma no meio do povo através das inúmeras Ordens religiosas missionárias.

As vésperas da Reforma Luterana o modelo sexual rígido dos Padres da Igreja está em decadência, como podemos notar por vários textos que estudam esta época:

"Em grande parte, esse quadro negativo no final da cristandade medieval era devido às falhas na estrutura eclesiástica, sobretudo no comportamento do alto e baixo clero. Aí vamos encontrar as raízes da ignorância popular, do mundo supersticioso, da exploração da fantasmagoria diabólica.

Começando pela alta cúpula da Igreja, muitos papas desse final de Idade Média e Renascimento escreveram página negra da História da Igreja. Fato por demais sabido para que precisemos salientar aqui. Permito-me reproduzir um trecho do discurso de Savanarola, inventivando essa prostituição romana no tempo do pontificado de Alexandre VI:

`Venha cá, Igreja infame, escuta o que te diz o Senhor. Dei-te essas belas vestes e tu fizeste delas ídolos. Com teus vasos de valor, nutriste teu orgulho. Profanaste os sacramentos pela simonia. Tua luxúria fez de ti uma filha de alegria desfigurada. És pior que um animal, és um monstro abominável. Outrora pelo menos, se os sacerdotes tinham filhos, eles os chamavam de sobrinhos. Agora, não se têm mais sobrinhos, têm-se filhos, simplesmente filhos. Construístes uma casa de prostituição, transformaste-te de alto a baixo em casa infame. Que faz ela, a mulher da rua? Assentada no trono de Salomão, faz sinais a todos os transeuntes. Todo aquele que tem prata entra e faz tudo que lhe agrada. Mas quem quer o bem, é lançado fora. Assim é, Igreja prostituída, tu revelaste tua vergonha diante dos olhos do mundo inteiro" 3. LIBÂNIO, J.B. A Volta à Grande Disciplina, Editora Loyola, 1983.

O estudioso sacerdote J. B. Libânio ainda acrescenta outros dados sobre a época que confirmam, de um modo geral, a crise e a decadência moral dos pressupostos patrióticos sobre a sexualidade do clero católico:

"Ao lado de lastimável ignorância, o clero mostrava sinais de decadência moral. O concubinato, seja sob a forma mais digna de viver maritalmente com uma única mulher a que se permanecia fiel, seja sob a forma de dissolução desregrada, aparece como uma das pechas atribuídas freqüentemente ao clero dessa época. Evidentemente certos depoimentos tendem a exagerar, com finalidades moralizantes ou mesmo difamantes. J. Delumeau crê que se pode avançar como probabilidade dados como estes: 114 do clero dos Países-Baixos e 113 da Renânia viviam permanentemente em concubinato.

As seqüelas de tais costumes eram ainda mais graves. Muitos dos sacerdotes procuravam que seus filhos comesçassem o serviço eclesiástico já como coroinhas, mas para serem preparados a substituí-los nos benefícios. Criavam-se verdadeiras dinastias de padres, como de fato isto se fez também em meio ao alto clero - se não de filhos, ao menos de parentes. Assim os filhos "ilegítimos" dos padres eram preferidos aos filhos legítimos na percepção dos benefícios.

Em outros casos, interferia a conduta das mulheres, que se proviam de maneira escandalosa de um teor de vida ostentativo.

Não menos lamentável era o fenômeno da não-residência do baixo clero. Assim como os bispos se ausentavam çe suas dioceses para viverem em cidades maiores, de cultura e de teor de vida superior, assim também muitos párocos retinham seu benefício, e iam estudar nalguma universidade ou simplesmente viver nalguma cidade, deixando o campo abandonado. Uma estatística fala, p. ex., que 23% do clero de Angers fazia no começo do séc. XV cursos na Universidade, longe de seus fiéis. Em Sens, no final do mesmo século 50% a 60% do clero estava ausente. E assim poderíamos aduzir outros dados" LIBÂNIO, I.B. op. cit., p. 36.

Contudo, na Idade Média, podemos dizer que não havia ainda um controle total da sexualidade. Entre as classes populares proliferavam as relações primárias, comunitárias. As casas não tinham quartos separados entre homens e mulheres. A linguagem dá sexualidade era rica e picante, músicas, piadas, formas de expressão. Todo o esforço da Igreja não fora capaz de enquadrar o materialismo das camadas populares. Sexo com animais, sexo entre clérigos, tudo isso era proibido e praticado. Dizia-se que se uma moça passasse na sombra de um convento engravidava. É conhecida a obra de Boccacio sobre o erotismo popular medieval, em nosso tempo imortalizado pela câmara de Pasolini.

Eram ainda comuns entre os povos os banhos públicos e a nudez. Só com a espiritualização crescente pregada pelas ordens, com o enquadramento da doutrina pelo catecismo, com o ideal de "Cavalheiro" que se estruturava nos romances como "Tristão e Isolda", na continência do Cavalheiro que luta por uma Dama e uma Cama, é que este imaginário social mais livre vai se perdendo. Sobretudo depois de Trento a sexualidade popular é fortemente enquadrada sob o modelo de condenação no inferno. A figura do inferno é sempre temerosa para o povo, e o inferno é pregado como o lugar dos "pecadores e fornicadores, prostitutas e invertidos".

Clérigos e freiras pegas em pecado são queimados e enforcados. Mulheres e homens têm suas partes sexuais queimadas. Ao lado do enquadramento

ideológico se criam mecanismos reais de repressão de toda sexualidade livre, principalmente usando o poder real e a confissão auricular:

"Esse final de Idade Média e primeiro século pós-tributário seria tomado pela obsessão de satanás, sob a dupla forma: alucinante criatividade de imagens do inferno e idéia fixa das armadilhas e tentações que satanás trama contra os homens para sua perdição eterna. A iconografia vai ser lugar privilegiado para refletir essa visão atormentante e diabólica. Ora os demônios aparecem como forjadores que desferem golpes de martelo sobre uma massa feita de corpos de homens e mulheres sobrepostos, ora os condenados são representados presos a imensa roda de tortura ou deitados sobre uma grelha e regados de chumbo fundido ou enforcados a galhos secos, etc...

A fantasia humana não tem limites na sua criatividade, quando assolada pelo medo. As representações dos demônios e do inferno revelam o inconsciente repressivo em matéria sexual, que o medo da condenação produz. Adúlteros são açoitados, mulheres levianas têm seu sexo penetrado por tições acesos. Joga-se frequentemente com o contraste de imagens, de um lado cenas de prazer, de afago – na terra – e doutro de sofrimento e tormento eterno no inferno. O prazer representa o passo imediato para o inferno". S. LIBANIO, JA op. cit., pp. 32-36.

Texto complementar

Eu sou Iahweh vosso Deus. Não procedereis como se faz na terra do Egito, onde habitastes; não procedereis como se faz na terra de Canaã, para onde vos conduzo. Não seguireis as suas leis, mas praticareis os meus juízos e guardareis as minhas leis e por elas vos conduzireis.

Eu sou Iahweh vosso Deus. Guardareis as minhas leis e os meus juízos: quem os cumprir encontrará neles a vida.

Nenhum de vós se aproximará de sua parenta próxima para descobrir a sua nudez. Eu sou Iahweh.

Não descobrirás a nudez do teu pai, nem a nudez da tua mãe. É tua mãe, e tu não descobrirás a sua nudez.

Não descobrirás a nudez da mulher do teu pai, pois é a própria nudez de teu pai.

Não descobrirás a nudez da tua irmã, quer seja filha de teu pai ou filha de tua mãe. Quer seja ela nascida em casa ou fora dela, não descobrirás sua nudez.

Não descobrirás a nudez da filha do teu filho; nem a nudez da filha da tua filha. Pois a nudez delas é a tua própria nudez.

Não descobrirás a nudez da filha da mulher de teu pai, nascida de teu pai. É tua irmã, e não deves descobrir a nudez dela.

Não descobrirás a nudez da irmã de teu pai, pois que é a carne de teu pai.

Não descobrirás a nudez da irmã de tua mãe, pois é a própria carne de tua mãe.

Não descobrirás a nudez do irmão de teu pai; não te aproximarás, pois, de sua esposa, visto que é a mulher de teu tio.

Não descobrirás a nudez de tua nora. É a mulher de teu filho e não descobrirás a nudez dela.

Não descobrirás a nudez da mulher de teu irmão, pois é a própria nudez de teu irmão.

Não descobrirás a nudez de uma mulher e a da sua filha; não tomarás a filha de seu filho, nem a filha de sua filha, para lhes descobrir a nudez. Elas são a tua própria carne: isto seria um incesto.

Não tomarás para o teu harém uma mulher e, ao mesmo tempo, a irmã dela, descobrindo a nudez desta, durante a vida da sua irmã.

Não te aproximarás de uma mulher, para descobrir a sua nudez, durante a sua impureza das regras.

Não darás o teu leito conjugal à mulher do teu próximo, para que não te tornes impuro com ela.

Não entregarás os teus filhos para consagrá-los a Moloc, para não profanares o nome de teu Deus. Eu sou lahweh.

Não te deitarás com um homem como se deita com uma mulher. É uma abominação.

Não te deitarás com animal algum; tornar-te-ias impuro. A mulher não se entregará a um animal para se ajuntar com ele. Isto é uma impureza.

(Levítico, cap. 18)

CAPÍTULO IV

A PURITANIZAÇÃO DO SEXO

A lenta desestruturação do mundo medieval, a ascensão da burguesia e a formação de uma cosmovisão burguesa, racional, empirista e dessacralizadora leva à superação das concepções medievais. O mundo moderno que surge é um mundo profano, crítico, liberal, que elege a Razão como nova forma de compreensão do mundo rejeitando a fé e os dogmas medievais.

Ao nível moral, onde vamos encontrar a sexualidade, há também grandes mudanças. Historicamente é a Reforma que coloca em crise a aura sagrada do feudalismo representada no Papa. Mas uma vez encurralada pela Reforma de Lutero a Igreja reunirá forças e mecanismos internos para colocar-se em outra posição e com nova face no mundo que surgia. Assim nasce a Contra-Reforma, que é muito complexa e abrangente no seio da Igreja, a partir do Concílio de Trento (1546), dando origem à chamada "identidade tridentina" da Igreja, que não é mais do que a face reformista incorporada à própria Igreja.

Em termos gerais deveremos pois estudar dois pólos da moral sexual moderna, que são convergentes quanto à origem e às próprias finalidades: o pólo luterano e o tridentino.

De modo geral podemos dizer que o rigorismo moral de Lutero, que volta a fundamentar-se em Agostinho, é uma moral de emergência, e em princípio quer opor-se ao relaxamento moral em que se encontravam os padres e bispos da Igreja romana. Mas isto não é suficiente. Parece-nos interessante a tese de Weber, "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo", onde ele sustenta que os princípios morais do protestantismo, o individualismo, o trabalho como expiação, a honra, a consciência de pecados e a submissão às Escrituras, a ética do acúmulo sem gastos e exageros, sem mediação do Magistério, são os princípios do espírito capitalista. Nesta linha, ao capitalismo nascente era necessário reprimir a energia sexual para que esta fosse usada nas máquinas, no trabalho. O

"princípio do prazer" é domado e regulado em nome do ; "princípio da realidade" que no, mundo burguês é o trabalho escravizante e alienado.

Assim a moral luterana será uma moral agostiniana, regulando a sexualidade ao nível procriativo, já que as máquinas precisavam de mão-de-obra abundante e barata.

A pedagogia e a moral luterana começam a mapear o corpo, reduzindo a sexualidade a um isolamento e negatividade assustadores. A nudez, que na época medieval era vista com naturalidade, começa a ser coberta de panos e conceitos. A linguagem sobre o sexo passa a ser controlada e nos livros tudo o que trata do sexo é expurgado. O sexo é o grande inimigo do trabalho, agora a nova forma de compreender o homem.

Não podemos distinguir aqui o luteranismo do tridentismo. Na Igreja também toma corpo uma moral austera, castradora, representada pelos Jesuítas e por outras ordens modelares que surgem frente ao protestantismo:

"A partir do séc. XVI, portanto paralelamente ao processo de puritanização, começam a surgir as faixas etárias: no séc. XVIII o mundo da criança já está bem definido. No séc. XIX se estrutura a faixa dos jovens-adolescentes, com os internatos para eles e elas, separadamente. É fácil compreender que o sexo, já um pesadelo para os adultos educadores, seja ignorado ou até hostilizado nos estabelecimentos educacionais. A religião foi também instrumentalizada na repressão de qualquer manifestação sexual. O pecado por excelência, se não o único, passa a ser o pecado de sexo. No dizer dos pregadores, o inferno estava povoado quase exclusivamente por aqueles que tinham cometido pecado contra a castidade, ainda que fosse apenas em pensamento. O grande controle deste comportamento foi exercido através da confissão. O Concílio de Trento decretou que todos os pecados mortais deviam ser confessados, mesmo os mais secretos e vergonhosos. Com o passar do tempo, este clima vai gerar danos e traumas (...)" . SNOEK, J. Ensaio de Ética Sexual, Edições Paulinas, 1981, p. 35.

Os pedagogos, médicos e padres, pastores e confessores do mundo moderno propõem uma cruzada contra o sexo. A masturbação é agora reprimida como "doença", "anomalia", causadora de males mentais e calamidades.

O mundo moderno cria meios de controle do sexo e da masturbação: calças fechadas na frente, anéis antimasturbatórios ao redor do pênis para que este não pudesse ser estimulado, amarrar as mãos dos jovens ou dormir com as mãos sobre o cobertor, cauterização do clitóris nas meninas etc ...

O sexo é reduzido ao privado e com fim procriativo. A concepção de racionalidade e eficiência burguesa soma-se a produtividade. O sexo subjetivo, humano, prazeroso desaparece. O corpo é negado no trabalho e na repressão sexual. O "eu" corporal não existe e sim a civilidade e a máscara social. Sobre o sexo nasce a cultura da vergonha e do pecado em níveis tão profundos que nem mesmo a Idade Média tinha conseguido.

A confissão tridentina e o ideal de "consciência" luterano criam a compulsão à confissão que ainda hoje marca o mundo contemporâneo. Sentimo-nos culpados frente ao sexo e parece-nos necessário confessar, quer ao padre, ao pastor, à nossa própria racionalidade, ao psicanalista ou médico, as nossas "faltas"

sexuais... Essa culpa se inoculou através de rígida pregação, o poder da Igreja em formar o imaginário moral-social. Vejamos o que diz Libânio acerca deste poder sobre as consciências:

"O poder sobre a consciência não era menos eficaz. Poder exercido nos confessionários, a que se ia mais por medo que por convicção em freqüentes casos. Poder sobre a consciência através das tonitruantes sermões, da arte, das pinturas amedrontadoras, das atitudes teatrais dos personagens esculpidos ou pintados, do triunfalismo exultante das vitórias da fé. Poder sobre a consciência pelo rigor moralista, sobretudo na esfera sexual. Poder sobre a consciência, pela imposição de uma doutrina fixa, rígida, objetiva, inquestionável. Poder sobre a consciência, pelo abuso da culpabilização com as ameaças de castigos eternos, por infidelidades às práticas sacramentais ou morais. Poder sobre a consciência, pela acesso ao grande meio de comunicação da época: as pregações. Poder sobre a consciência, pelo ensino compacto de um catecismo estruturado, a que todas as crianças deviam freqüentar. Poder sobre a consciência, responsabilizando os pais em relação aos filhos, no tocante ao batismo, à aprendizagem do catecismo. Poder sobre a consciência, culpabilizando os cristãos da condenação eterna dos pagãos, dos hereges, se não os convertem. Poder sobre a consciência, através de contraposição entre a certeza e beleza da própria posição - católica ou protestante respectivamente - e a posição oposta, herética, falsa, conduzindo à condenação eterna. Enfim, poder sobre a consciência propondo a própria identidade como a única capaz de conduzir o homem à salvação, de modo que sua negação significava assinar de antemão o passaporte para o inferno eterno" . LIBANIO, J.B. op. cit., .

Texto complementar

A nova forma de controle da sexualidade

A sociedade "burguesa" do século XIX e sem dúvida a nossa, ainda, é uma sociedade de perversão explosiva e fragmentada. Isso, não de maneira hipócrita, pois nada foi mais manifesto e prolixo, nem mais abertamente assumido pelos discursos e instituições. Não porque, ao querer erguer uma barreira demasiado rigorosa ou geral contra a sexualidade tivesse, a contragosto, possibilitado toda uma germinação perversa e uma séria patologia do instinto sexual. Trata-se, antes de mais nada, do tipo de poder que exerceu sobre o corpo e o sexo, um poder que, justamente, não tem a forma da lei nem os efeitos da interdição: ao contrário, que procede mediante a redução das sexualidades singulares. Não fixa fronteiras para a sexualidade, provoca suas diversas formas, seguindo-as através de linhas de penetração infinitas. Não a exclui, mas inclui no corpo à guiza de modo de especificação dos indivíduos. Não procura esquivá-la, atrai suas variedades com espirais onde prazer e poder se reforçam. Não opõe uma barreira, organiza lugares de máxima saturação. Produz e fixa o despropósito sexual. A sociedade moderna é perversa, não a despeito de seu puritanismo ou como reação à sua hipocrisia: é perversa real e diretamente. (...)

Açambarca o corpo sexual. Há, sem dúvida, aumento da eficácia e extensão do domínio sob controle, mas também sensualização do poder e benefício de prazer. O que produz duplo efeito: o poder ganha impulso pelo seu próprio exercício; o

controle vigilante é recompensado por uma emoção que o reforça; a intensidade da confissão relança a curiosidade do questionário; o prazer descoberto reflui em direção ao poder que o cerca. Mas tantas questões urgentes singularizam no questionado os prazeres que experimenta; o olhar os fixa, a atenção os isola e anima. O poder funciona como um mecanismo de apelação, atrai, extrai essas estranhezas pelas quais se desvela. O prazer se difunde através do poder cerceados e este fixa o prazer que acaba de desvendar. O exame médico, a investigação psiquiátrica, o relatório pedagógico e os controles familiares podem, muito bem, ter como objetivo global e aparente dizer não a todas as sexualidades errantes ou improdutivas mas, na realidade, funcionam como mecanismos de dupla incitação: prazer e poder. Prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa, revela; e, por outro lado, prazer que se abrasa por ter que escapar a esse poder, fugir-lhe, enganá-lo ou travestí-lo. Poder que se deixa invadir pelo prazer que persegue e, diante dele, poder que se afirma no prazer de mostrar-se, de escandalizar ou de resistir. Captação e sedução; confronto e reforço recíprocos: pais e filhos, adulto e adolescente, educador e alunos, médico e doente, e o psiquiatra com sua histérica e seus perversos, não cessaram de desempenhar esse papel desde o século XIX. Tais apelos, esquivas, incitações circulares não organizaram, em torno dos sexos e dos corpos, fronteiras a não serem ultrapassadas, e sim, as perpétuas espirais de poder e prazer.

CAPITULO V

A DESCOMPRESSÃO SEXUAL

Todo o movimento repressivo da sexualidade durante os séculos XVI, XVII e XVIII começa a se transformar com as próprias transformações do mundo capitalista no século XIX. A ação de médicos, os tratados científicos, as transformações sociais e a superação de conceitos mecânicos e equivocados do mundo moderno aceleram esta transformação ao nível da sexualidade. Sobretudo entre os séculos XIX e XX temos a figura de Darwin que revoluciona os conceitos básicos das Ciências Naturais; Freud que revoluciona os conceitos tidos como certos sobre o homem, suas neuroses e traumas além do "consciente"; e ainda Marx que inaugura uma compreensão estrutural das sociedades humanas e seus mecanismos de exploração e reprodução ideológica. De 1870 até a I a Guerra Mundial surge o princípio de uma "Scientia Sexualis" ainda carregada de preconceitos e equívocos. De 1914 até 1945 o mundo capitalista sofre sérias crises. O capitalismo norte-americano acaba definitivamente por selar sobre o mundo sua incontestável hegemonia e a partir da Segunda Guerra Mundial o mundo tem um novo modelo: "The American Way of Life". As características gerais deste novo modo de viver são o consumo, a dependência dos aparelhos sofisticados, a expropriação da subjetividade e a ânsia de consumir e "ter mais". O capitalismo inaugura um progresso enorme ao nível das comunicações que agora são o novo aparelho ideológico de enquadramento das massas consumidoras, cria-se a "aldeia global" onde todos se sentem integrados.

De diversas formas explodem os movimentos de contestação: os jovens, o rock, os grupos feministas, negros, homossexuais... Em todos estes movimentos

estava presente a libertação sexual, que era símbolo e matriz de outras liberdades exigidas. Mas o capitalismo apreendeu a sexualidade como o grande grito e a incorporou à sua máquina de consumo: toda a propaganda passa a falar de sexo, a estimular e referir-se aos anseios sexuais de nosso tempo. Até mesmo as coisas mais simples são vendidas com o distintivo do sexo. A luta da mulher é estigmatizada e a mulher é a "garota propaganda" do consumismo. Seu próprio corpo é consumido.

É claro que este movimento, uma vez que é histórico, tem suas contradições próprias. Houve também maior liberdade sexual, espaços conquistados pelas mulheres, pelos homossexuais e outros grupos. Houve uma contestação da juventude na música, no comportamento, na própria vivência de novas formas de relacionamento. Mas, num âmbito mais geral venceu o modelo consumista. O sexo é o objeto de consumo por excelência. Consumimos pessoas e coisas. A pornografia, o sexo objetual, é produzida e encomendada, os sex-shops, vibradores, sexo-em-grupo, novos estímulos, motéis, tudo isso criou uma quantificação da sexualidade, sem alterar qualitativamente sua significação.

Marcuse é o grande crítico desta sociedade deserotizada. Para ele o velho "pai", que em Freud é o princípio da repressão ao prazer está sendo substituído pelo sistema racional dos burocratas e tecnocratas modernos. Assim, se pode "afrouxar" os tabus, o sistema controlador permite a manifestação compensadora e quantitativa da sexualidade, mas não a humanização e o sentimento de afeto, que são aspectos qualitativos. É um prazer mecanizado, exercícios de dessublimação da repressão baseados no princípio do desempenho e do consumo. Criase o "trepador compulsivo" que acumula experiências impessoais e compensatórias da não-participação efetiva no domínio de nossa própria existência.

Foucault afirma que o poder não tem hoje motivos para reprimir a sexualidade pois é esta hoje o seu principal mecanismo de controle e de reprodução ideológica. Assim, vemos que a pornografia, o "sexo ao alcance de todos" veiculado pela estrutura atual não encontra nenhuma forma de contestação. Aliás em sociedades mais autoritárias o poder se exerce de maneira muito mais eficaz quando se liberam as "porno-chanchadas" e similares.

Vivemos hoje frente a estas estruturas consumistas. Curiosamente esta "liberalização de práticas sexuais" coincide com a automação do trabalho e com a chamada explosão demográfica. Já não há mais lugar para um sexo procriativo nem uma repressão sistemática. Contudo permanecem algumas questões intrigantes. Como viver a sexualidade de maneira humana, plena e livre? Esta questão é mais um horizonte do que uma certeza. É preciso buscar formas de conquistar uma sexualidade nova numa transformação global da sociedade.

Quando vivemos novas relações humanas, solidárias e prazerosas, sem a matriz da dominação e exploração, é que podemos estruturar novas formas de relações sexuais. Enquanto for mantida a matriz em que uns produzem e outros gozam, ao nível da sexualidade também se reproduz este esquema em todo o alcance destas expressões.

Vamos propor dois textos para uma reflexão positiva da sexualidade. Um deles é de Reich, discípulo dissidente de Freud e uma das figuras mais polêmicas de

nosso século. É ele o sistematizador do conceito de "revolução sexual". Em seu livro "A Função do Orgasmo" escrito em 1942 ele escreve os princípios de uma "economia sexual":

"1. A saúde psíquica depende da potência orgástica, isto é, da capacidade de entrega no auge da excitação sexual no ato natural. A sua base é a atitude de caráter não-neurótico da capacidade para o amor.

2. A doença mental é um resultado de uma perturbação na capacidade natural para o amor. No caso de impotência orgástica, de que uma vasta maioria dos seres humanos sofre, a energia biológica é bloqueada, tornando-se, assim, fonte de todos os tipos de comportamento irracional.

3. As perturbações psíquicas são os resultados do caos sexual provocado pela natureza da nossa sociedade. Esse caos exerceu a função, durante milhares de anos, de tornar os indivíduos submissos às condições existentes ou, por outras palavras, de internalizar a mecanização externa da vida. Serve o propósito de causar a ancoragem psíquica de uma civilização mecanizada e autoritária, fazendo com que as pessoas percam a confiança em si próprias.

4. As energias vitais, em condições normais, regulam-se espontaneamente, sem dever compulsivo ou moralidade compulsiva.

5. O comportamento anti-social é causado por impulsos secundários que devem sua existência à supressão da sexualidade natural.

6. O indivíduo educado numa atmosfera que nega a vida e o sexo adquire uma ansiedade-de-prazer (medo de excitação que dê prazer) que é representada fisiologicamente em espasmos musculares crônicos. Esta ansiedade-de-prazer é o solo em que o indivíduo recria as ideologias que negam a vida, as quais são a base das ditaduras. Trata-se da fundação do medo de um modo de vida livre e independente.

7. A estrutura de caráter do homem atual - que perpetua uma cultura patriarcal e autoritária que já tem de quatro a seis mil anos de idade - é caracterizada por uma armadura contra a natureza, dentro de si e, também, contra a miséria social, fora de si. Esta armadura do caráter é a base da solidão, do desamparo, da ânsia de autoridade, do medo da responsabilidade, os anseios místicos, a miséria sexual, da rebeldia impotente, bem como da resignação de um tipo anormal e patológico. Os seres humanos adotaram uma atitude hostil para o que é vivo dentro deles e, assim, alienaram-se de si próprios. Essa alienação não é de origem biológica, mas sim de origem econômica. Não pode ser encontrada na história humana antes do desenvolvimento da ordem social patriarcal.

8. Desde então, o dever tomou o lugar da fruição natural do trabalho e da atividade.

9. Essa formação de caráter no molde autoritário tem como seu ponto central, não o amor pelos pais, mas sim pela família autoritária. O seu objetivo principal é a supressão da sexualidade na criança e no adolescente.

10. Em virtude da divisão na estrutura humana dos nossos dias, natureza e cultura, instinto e moralidade, sexualidade e realização, são considerados incompatíveis. Aquela unidade de cultura e natureza, de trabalho e amor, moralidade e sexualidade, que a humanidade está procurando desde sempre, essa unidade, enfim, ficará sempre como um mero sonho enquanto o homem não

permitir a satisfação das exigências biológicas de gratificação sexual (orgástica) natural" RYCROFT, C. As Idéias de Reich, coleção Mestres da Modernidade, Editora Cultrix, São Paulo, 1971, p. 42.

O segundo texto é do prof. Guido Mantega em seu livro "Sexo e Poder", onde comenta as concepções de Foucault sobre o estatuto da sexualidade no capitalismo consumista, de maneira magistral:

"Mas o capitalismo avançou e despiu-se dos espartilhos vitorianos, iniciando um longo período de erupção sexual, que estaria se alastrando até os nossos dias. Não que as normas sexuais tenham desaparecido. Muito pelo contrário, elas continuaram se multiplicando e difundindo ou regulamentando as atividades sexuais de todo o mundo. Só que agora, diz Foucault, ao invés de conter interdições, essas normas difundem práticas sexuais. E aí reside a diferença fundamental do período anterior ao capitalismo, quando havia também uma liberdade sexual, porém menos 'institucionalizada'.

Agora, a vida sexual foi parar nos livros de medicina, psiquiatria, psicologia, sexologia e áreas correlatas. Criou-se toda uma classificação de atitudes, de condutas sexuais as mais variadas. "Localizaram-se" as zonas erógenas do corpo, suas sensações; enfim, definiu-se um corpo e todas as suas sensações.

Segundo Foucault, essa teorização do sexo foi incentivada pelo Estado e preocupou-se menos com o sexo intramatrimonial e mais com a sexualidade das crianças, dos loucos, dos criminosos, dos que têm obsessões, manias, etc. Então, as instituições 'disciplinaram' não apenas o sexo 'normal', como também as chamadas perversões e o sexo fora do matrimônio, que vão se difundindo tanto quanto a sua teorização (a partir do séc. XIX). Para ele, toda essa febre discursiva sobre a sexualidade ajudou a estimular as práticas sexuais. Então, quanto mais o sexo faz parte do comportamento humano, mais ele é controlado pelas instituições.

Para pôr o sexo a seu serviço, o poder conta com um poderoso aliado. Trata-se da compulsão à confissão, um hábito profundamente arraigado no comportamento humano desde a Idade Média. Por trás das ações humanas projeta-se a sombra do erro e do pecado. já nascemos carregando o pecado original. Logo, o homem precisa purificar-se constantemente, redimir-se de seus erros e maus pensamentos, reconhecê-los, para ganhar o perdão da humanidade. Note-se que não estamos falando apenas da Liga das Senhoras Católicas, mas de um pensamento que aflige a maioria dos mortais, sejam cristãos ou não, e os constrange a sentir-se culpados. Somos um bando de cidadãos sempre sob suspeita, não apenas das instituições constituídas mas também, e aí está o x da questão, aos nossos próprios olhos.

Assim, a prática da confissão dissemina-se amplamente sobre todas as atividades humanas. Porque o homem, confessa-se não apenas na igreja, mas também perante a justiça, a medicina, a família, os amigos, as amantes, etc. Confessam-se os crimes, os pecados, os pensamentos e os desejos; confessa-se o passado e o sonhos, a infância, as doenças e as misérias. Confessa-se em público ou em particular, ao pais, aos educadores, aos médicos, aos analistas, àqueles que se

ama". MANTEGA, G. (org.) Sexo e Poder, Editora Brasiliense, São Paulo, 1979, pp. 24-26.

O COMPORTAMENTO SEXUAL E A AIDS

Depois de uma trajetória localizada nos EUA, a doença conhecida como AIDS (Síndrome de Deficiência Imunológica Adquirida), alcançou a Europa e outras regiões do mundo, tornando-se o maior terror e medo desta controvertida década de 80. E não fosse a séria implicação que mantém com a sexualidade não haveria porque tratá-la na presente obra.

Mais do que discorrer sobre as causas e as formas de origem e transmissão, interessa-nos sobretudo sua relação com o comportamento sexual da juventude e de toda a sociedade contemporânea. Passado o sensacionalismo e as diversas formas de desinformação sobre a doença, algumas pesquisas confiáveis demonstram que o medo da AIDS tem afetado a grande parte das pessoas no seu comportamento sexual cotidiano. Em alguns países, como a França, admite-se que 75% da população tem mudado seu comportamento sexual usual frente ao fenômeno da AIDS. A maior parte dos países europeus, os EUA, Canadá e outros grandes centros têm carreado grandes investimentos na descoberta da cura da AIDS ou investido em grandes campanhas educativas que freqüentemente envolvem um novo enfoque para a questão da sexualidade.

Temos consciência de que a AIDS é uma doença terrível, até o momento fatal, e que seu modo de transmissão é sexual ou venal, por injeção que contenha o vírus, etc... O esperma masculino é a fonte principal da transmissão do vírus. A princípio, pela natureza da relação, os grandes grupos de risco são os homossexuais, os viciados em drogas, com este círculo tendo aumentado para os parceiros heterossexuais ou outros mais específicos. O certo é que não podemos afirmar ainda com precisão todo o processo da doença.

Importa-nos, além dos cuidados que logicamente exige a questão, manter séria vigilância para que a doença não seja o veículo, velado ou explícito, da discriminação social dos padrões estereotipados, dos preconceitos e de toda repressão sexual histórica. Uma coisa é considerar o fenômeno da AIDS como uma questão de saúde e higiene e outra é fazer destas causas a forma mais cabal do moralismo, da culpabilização social e do interdito. A questão da liberdade sexual é distinta do medo ou da culpa, ou ainda da conotação moralista. É muito mais uma dimensão educativa, devidamente dignificada e exigente, que o mundo pode, por caminhos inversos, descobrir no momento histórico atual.

CAPITULO VI

OS PRESSUPOSTOS TEORICOS DA EDUCAÇÃO SEXUAL

Se observarmos atentamente os temas mais freqüentes nas discussões sociais, científicas, nas rodas de amigos, festas, nos jornais, nos meios de comunicação, nas músicas, veremos que em tudo explode a alusão à sexualidade. Faz parte hoje do ritual de descoberta pessoal e da busca de uma nova sociedade. Em todos os meios surge a necessidade social de se falar de sexo. E neste falar de sexo existe uma diversidade de discursos, que se confundem, antagonizam e aumentam ainda mais a necessidade de se buscar elementos, significações, para a

sexualidade humana; uma vez que se descobre a insuficiência dos padrões atuais e a infinita riqueza desta dimensão humana. E em todos estes discursos se pode perceber características próprias, que tomo de Eni Orlandi, (ORLANDI, E.P. A Linguagem e seu Funcionamento, Ed. Brasiliense, São Paulo, 1983. Neste livro a autora toma as categorias do discurso autoritário, lúdico e polêmico, construindo a identidade de cada um.) para, de antemão, dar o anúncio da minha palavra. Não quero abrir um discurso autoritário, parafrásico, construído sobre a ilusão da competência e da força em quaisquer de suas formas, nem tampouco cair num discurso polêmico, ainda este elitista, pois supõe certas referências mais específicas de círculos geralmente mais favorecidos. Quero abrir um discurso lúdico sobre a sexualidade, um discurso de muitos sentidos. Para neste mesmo processo superar a palavra repetida, construída por outros, fechada, sobre a sexualidade. Portanto, meu objetivo é falar de sexo, discutir a sexualidade, de um modo muito próximo. Pois não se fala de sexo senão de um modo muito chegado, vigente, atuante em nós próprios.

Para enunciarmos este discurso é preciso considerar o contexto de nossas vidas. E não se pode abrir a palavra sem considerar as leis gerais da evolução da sociedade ocidental-cristã. Isto implica em reconhecer o modelo cultural ocidental e situar dentro dele a compreensão da sexualidade. Este modelo ocidental tem uma história, que é a história de sua própria constituição, e nesta história a sexualidade tem papel proeminente. O Ocidente tem uma relação muito séria com a sexualidade, que pode ser encontrada na raiz de nossas limitações, medos e traumas. Em muitas vezes o silêncio é a medida da repressão. E é preciso encontrar categorias que façam emergir os pressupostos deste conflito repressor e reprimido.

Para esta abordagem requer-se uma segura metodologia de análise da realidade social, ou seja, uma metodologia de compreensão da história. Que não se limite a uma compreensão ético-religiosa, conjuntural, isto é, ingênua e imediata, mas consiga penetrar na dimensão estrutural-dialética da produção da vida social. Assim, a questão sexual deixa de ser objeto de religião, ou ainda de psicanálise ou psicologia clínica, e passa a ser compreendida como uma questão estrutural, ligada diretamente ao contexto social, produzida dentro dele, relacionada com os demais níveis, econômico, político, moral e social. Neste enfoque a sexualidade não é anomalia, patologia, disfunção, coisa acidental, mas pode ser compreendida dentro de padrões objetivos, interesses claros, um complexo de valores, modelos, comportamentos, padrões socialmente construídos de acordo com agentes específicos. Uma compreensão dialética supõe uma sociedade em evolução, em dinâmica, em movimento, o que se traduz em um complexo interno e externo de conflitos. A sociedade é o complexo de conflitos, não de um modo valorativo, mas de um modo objetivo. Estes conflitos são mascarados ou invertidos, escondidos, pela ideologia, que é o imaginário social construído por determinada classe em função de seus interesses. E é precisamente neste imaginário social que inserimos o comportamento sexual...

Partimos, então, de algumas categorias tiradas da ciência antropológica e da sociologia: o mundo da natureza e da cultura. O mundo natural é tido como o espaço do dado, do real, do contínuo. O mundo da cultura se compreende como a

totalidade do produto humano, a construção superposta do mundo a partir do homem. Assim, o homem é entidade de dupla natureza, num pensamento dualista, limitado; liga-se ao mundo da natureza, donde tira a sua vida, e estranha-se da natureza pelo seu trabalho, o que o faz sair da natureza para a cultura. E o lugar do homem é a corporeidade, a dimensão antropológica primeira é o corpo. É o corpo o lugar híbrido da natureza e cultura. Por isso nos interessa recuperar uma significação mais digna, lúdica, livre, para o corpo. Importa perder uma concepção anacrônica, mas vigente ainda, que define o corpo em oposição ao espírito e vê nele o princípio do mal, da maldade, da malícia, da luxúria, templo do pecado, lugar da perdição, etc ... O corpo como prisão do homem, quase que como um traste que se carrega, um acidente na ontologia humana. Essa é a visão maniqueísta e platônica pregada muito tempo pela catequese cristã.

Nós queremos recuperar o sentido humano mítico da corporeidade, a vertente perdida, chamada dionisíaca, da vida. E a partir dela criticar os modelos atuais de significar a corporeidade, considerando a evolução destas significações na sociedade e os interesses que estão embutidos nelas. Entendemos que há um imaginário social construído pelas relações capitalistas, um imaginário social que engendrou e mantém um tipo de compreensão e padrão da sexualidade, este também convertido em consumo e venda. A nossa crítica quer decodificar este modelo e projetar a ruptura com esta ordem, a partir de novas práticas. Mas para fazer este caminho é preciso trilhar o caminho de muita gente, que aqui e ali em momentos da história, falando sobre sexo, sobre o desejo, possibilitaram hoje esta própria linguagem nova. A realidade de uma sociedade de conflitos estruturais revela-se também na sexualidade.

Este será o nosso caminho. Até propormos a evidência de que a busca de uma sociedade nova implica em uma nova sexualidade, em uma nova compreensão do desejo, da paixão, da alteridade, do encontro. Recuperar a palavra, de uma maneira nova, lúdica, sobre o corpo e sobre a sexualidade é o caminho da utopia concreta, já agora anunciada mas não ainda realizada plenamente. Pois um dos mecanismos principais da estrutura autoritária burguesa de sociedade é o da competência, da exclusão e permissão do discurso. Existem instituições criadas para controlar as formas e expressões do discurso hegemônico, bem como repetir paulatinamente sua parte nesta ideologia geral. Recuperar a palavra sobre sexo, de um modo novo, radicada na prática, é um ato de poder.

Para entabularmos conversa é forçoso começar por Freud. Sei que existe muita polêmica e divergência sobre este homem, mas de um modo genérico vou chamá-lo aqui de pioneiro, um dos profetas da sexualidade nova, ou melhor, da compreensão de uma nova sexualidade. Freud colocou o pensamento perene, o logos ocidental sob suspeita. Contudo, ao analisarmos bem a compreensão freudiana, mesmo reconhecendo seu valor e seu limite histórico, percebemos que há um elemento trágico, para não dizer conservador. Para Freud a repressão sexual é condição de vida em sociedade. Toda sociedade só se estrutura reprimindo os instintos básicos, sexuais e violentos, pulsões ínstintivas de prazer e violência. A sociedade é um complexo de tabus, proibições e obrigações que geram um homem sofrido e frustrado. (A respeito desta relação entre os autores

clássicos da Psicanálise e o poder há um excelente ensaio organizado por Guido Mantega, "Sexo e Poder", in Cadernos do Presente, coleção da Brasiliense, São Paulo, 1979, mormente o primeiro artigo "Sexo e Poder nas Sociedades Autoritárias: a face erótica da dominação".)

Isto se torna ainda mais trágico quando se pensa que o princípio do prazer, de eros, foi convertido e transformado em trabalho. O trabalho é para Freud o instinto de prazer sublimado e transformado. E ainda mais, para Freud não há alternativa a não ser a integração na sociedade através da racionalização dos conflitos não resolvidos. Embora denuncie os mecanismos de controle social como os complexos de Édipo e de culpa, Freud não consegue propor uma superação; ao contrário, sua teoria pode legitimar as forças conservadoras e repressivas da sociedade, e ainda tornar-se a-histórica, enquanto universalizante e generalizante. O feminismo mais autêntico tem séria crítica a Freud e seu significado na sociedade patriarcal ocidental.(SULLAMY, N. in Dialética do Sexo, tradução de Maria Eulina P'. de Carvalho, UNICAMP, 1984.)

Esta crítica não pode, nem quer, frustrar uma avaliação real desta introvisão original de Freud. Uma prova de que é de espaços definidos que se avança são as idéias de seus discípulos, de modo especial de Reich. É em Reich que veremos introduzidas na psicanálise a categoria histórica, enquanto este define a repressão sexual como historicamente produzida de acordo com determinados interesses, e que se vivemos numa sociedade autoritária é porque ela historicamente foi assim construída, sendo provável e possível outras sociedades onde não haja níveis assim tão repressivos como na nossa. Esta é uma grande sacada de Reich!

E ele vai mais além, pois se Freud colocava a repressão da libido como causa dos distúrbios físicos e psíquicos, Reich ousa afirmar que esta repressão é socialmente determinada e se dá pela internalização de códigos e valores repressivos mantidos pelas instituições autoritárias desta mesma sociedade. E estes códigos repressivos obedecem a interesses dos grupos governantes e opressores, Reich relaciona a sexualidade com o poder. Desse modo ele ousa denunciar a família autoritária burguesa patriarcal, onde o abuso do patriarcalismo se torna a primeira instância de enquadramento do "novo" ao já estruturado e velho sistema social, agindo como agência de domesticação e de submissão; bem como a Escola e as demais instituições morais e religiosas da sociedade, que com a repressão sexual produzem homens submissos e doentes. Ele nos diz:

"A estrutura de caráter do homem atual - que perpetua uma cultura patriarcal e autoritária que já tem de quatro a seis mil anos de idade - é caracterizada por uma armadura contra a natureza, dentro de si e, também, contra a miséria social, fora de si. Esta armadura do caráter é a base da solidão, do desamparo, da ânsia de autoridade, do medo da responsabilidade, dos anseios místicos, da miséria sexual, da rebeldia impotente, bem como da resignação de um tipo anormal e patológico. Os seres humanos adotaram uma atitude hostil para o que é vivo dentro deles e, assim, alienaram-se de si próprios. Essa alienação não é de origem biológica, mas sim de origem econômica. Não pode ser encontrada na

história humana antes do desenvolvimento da ordem social patriarcal". (Cf. RYCROFT, C. op. cit., p. 43.)

Percebemos aqui os principais elementos de uma compreensão materialista da história e por conseguinte, da sexualidade. Neste mesmo pensar lembramos que, para o marxismo, a chave da compreensão da sociedade são as relações econômicas. Num livrinho didático o teórico do marxismo Georges Politzer assim escreve:

"Ao estudar a evolução da sociedade, e tomando os fatos no passado, constata-se, primeiramente, que a divisão da sociedade em classes não existiu sempre. (...) Todos os homens participam da produção; os instrumentos de trabalho individuais são propriedade privada, mas os de que se servem em comum pertencem à comunidade. A divisão do trabalho não existe neste estado inferior senão entre os sexos(O grifo é nosso, detalhe de um texto no qual o autor acima citado descreve o processo da primeira divisão social do trabalho). O homem caça, pesca, etc ... A mulher cuida da casa. Não há interesses particulares ou privados em jogo".(Cf. POLITZER, G. Princípios Elementares de Filosofia, Ed. Prelo de Lisboa, 1979, p. 280.)

Percebemos aqui que há um ponto comum entre Reich e a posição marxista: a sociedade patriarcal autoritária não existiu sempre ou "naturalmente", ela é também socialmente estruturada e deve ser superada. Aliás, a questão da natureza e da história sempre volta. E freqüentemente o mito "natureza" é usado como argumento conservador, sendo muito propício a escamotear a precariedade da estrutura social. Pois é preciso sempre recuperar que a própria condição humana é cultural, pois foi pela aquisição da linguagem e do pensamento que o homem, pelo trabalho, desprende-se do mundo da natureza, que permanece intangível, para nós só captado a partir da experiência humana concreta. E como o homem é determinado culturalmente, isto é, historicamente, esta determinação tem um eixo e se caracteriza por práticas reais. Embora trate especificamente da questão feminina, a meu ver muito mais densa, é muito importante o resgate que nos faz Rose Marie Muraro:

"O sexo, pois, se encontra na articulação dos dois eixos da vida humana: o individual e o coletivo. É, ao mesmo tempo, o elemento mais importante do domínio de nossa interioridade, o lugar onde interagem libido, pulsões, desejos, funções, prazeres e desprazeres, e também (...) o coletivo, pano de fundo oculto, mascarado, elemento não dito nas teorias econômicas e que, em última instância, regula e determina as decisões econômicas em todos os níveis" (MURARO, R.M. Sexualidade da Mulher Brasileira, Ed. Vozes, Petrópolis, 1983, p. 21).

Deste texto tiramos a nova compreensão da sexualidade enquanto coordenada antropológica definida de um tipo de homem historicamente construído na cultura ocidental. E partindo dela tentaremos vislumbrar que, uma vez desmascarados os padrões do estabelecido, são as práticas novas que levarão a um redimensionamento da sexualidade, que não se encontra, por sua vez,

desmembrada de uma luta por uma nova concepção de sociedade, até mesmo de cultura. A dialética exige que se ligue tudo a tudo.

Na mesma linha de análise existem ainda dois grandes críticos da sociedade capitalista moderna: Marcuse e Foucault. Marcuse tenta fazer a síntese entre as categorias marxistas e freudianas e no seu livro "Eros e Civilização" propõe uma filosofia política para a teoria freudiana demonstrando que o indivíduo reprimido originado pela sociedade repressiva deve fazer uma dialética de libertação, que é a contra-organização, a rebeldia; Eros contra a Morte, que é a sociedade administrativa. Marcuse reafirma a teoria do complexo de Édipo e a enriquece quando demonstra que o velho pai está sendo transformado em outros mecanismos como a burocracia, a administração sem sujeito, pública e privada, o Estado. Marcuse denuncia ainda o controle interno e externo da sexualidade nesta sociedade, fabricando um tipo padrão de relações humanas individualistas e competitivas. Neste nível entra a teoria de Foucault, de que a aparente liberação sexual é realmente a nova arma da civilização de seu próprio controle e destruição. Colocando ênfase na própria cultura, cujo mecanismo principal é o autoritarismo, formando indivíduos reprimidos, Marcuse e Foucault propõem que a repressão não se reduz meramente a um modelo político, capitalismo ou socialismo, o autoritarismo está presente na própria condição humana, desde a aquisição do pensamento e da linguagem. Segundo Marilena Chaui assim Foucault estrutura uma proposta de superação sexual do modelo capitalista:

"A idéia central de Foucault é que a liberação sexual, se for possível, não passa pela crítica da repressão sexual, mas pelo abandono do discurso da sexualidade e do objeto sexo e pela descoberta de uma nova relação com o corpo e com o prazer. Isto significa não só a crítica da medicina, da pedagogia, da psiquiatria, da psicanálise e da sexologia, mas também a crítica de suas críticas, pois estas permanecem no mesmo campo definido pelas estratégias do discurso da sexualidade".(CHAUÍ, M. Repressão Sexual, essa Nossa (Des)conhecida, Ed. Brasiliense, São Paulo, 1984, p. 182.)

Foucault propõe o abandono do discurso sobre a sexualidade e do sexo como objeto. Ele fundamentalmente denuncia a verbalização, logicização e controle que estes processos desencadeiam, posto que são produzidos historicamente. O jogo do sexo e as aparentes censuras figuram como estratégias de controle, viciando certos movimentos e instaurando uma "monarquia do sexo". A sexualidade livre é polimórfica e desaculturada, deve ser intangível e recuperada a nível do acontecimento, sem a intervenção do pensamento e da palavra.

Nesta linha de pensamento ainda poderemos notar nítida diferença entre a atitude freudiana e a de Marcuse e Foucault. Enquanto Freud afirma que a repressão sexual é necessidade da cultura para se viver em sociedade, Marcuse ousa propor que a civilização não-repressiva só acontecerá invertendo concretamente os mecanismos desta sociedade repressiva, isto é, dentro da luta política e de certo modo moral. Marcuse pensa a sociedade da automação, onde o homem terá mais tempo livre para "ser" ludicamente, escapando à pesada condição cultural do trabalho. A chave do Ocidente é o trabalho sobre o prazer. Para Marx este trabalho é o trabalho alienado. Da mesma forma poderemos afirmar

que os modelos sexuais atuais e toda a sexualidade construída historicamente e socialmente no Ocidente cristão, patriarcal, falocrático, é uma sexualidade alienada. A sexualidade do reino da necessidade e não do reino da liberdade ... Dentro da compreensão da sexualidade alienada ainda nos reportaremos a Reich quando este analisa a repressão sexual como variante e origem dos distúrbios do poder. Se a mesma interpretação é válida para um nível mais abrangente pode-se questionar, mas o importante é que Reich percebeu que a estrutura social e mental se interdependem, e isto já é um avanço da posição de Freud: "O indivíduo educado numa atmosfera que nega a vida e o sexo adquire uma ansiedade de prazer (medo de excitação que dê prazer) que é representada fisiologicamente em espasmos musculares crônicos. Esta ansiedade de prazer é o solo em que o indivíduo recria as ideologias que negam a vida, as quais são a base das ditaduras. Trata-se da fundação do medo de um modo de vida livre e independente". (Cf. RYCROFT, C. op. cit., p. 43,)

Embora se possa fazer uma crítica a Reich, no seu ingenuísmo naturalista, pois para ele há um substrato natural fixo, anterior ao cultural, entre outros pontos, é fundamental compreender a coragem e

a importância deste freudiano dissidente que ousa afirmar a função do orgasmo como a realização maior da liberdade e condição humana.

Há em Reich o princípio de uma nova compreensão do erótico, do sexual. Não se trataria aqui de acusar Reich de uma excessiva genitalidade, mas de perceber que o princípio de Reich possibilitou uma compreensão menos dicotômica da condição humana, a descoberta do corpo como exigência de prazer, instinto de vida, foi um grito de libertação ... A necessidade desta recuperação e emancipação do corpo está cada vez mais clara em nossa cultura, principalmente quando percebemos a pobreza de nossas relações corporais, de nossos gestos, toques, sentidos, fruto da sedimentação milenar de um repúdio e desvalorização radical da corporeidade.

Numa compreensão assim se recupera a arqueologia da sexualidade construída na evolução da sociedade ocidental. A argamassa cultural que dotou nossa consciência humana básica de elementos maniqueístas, do dualismo platônico, da autoridade, do puritanismo religioso, da energia humana sublimada e convertida em força de trabalho, do homem mantido no mundo do labor. Segundo Nietzsche, venceu, desde a época dos gregos, a vertente apolínea, a vertente da ordem, da lógica, da clareza, do estabelecido, administrado, cerceado e controlado, do pensamento objetivado e ensimesmando as relações humanas, em detrimento da via dionisíaca, que é o não-nomeado, a festa, o lúdico, o sem-razão, o desejo selvagem, sem regras, a nãoadministração, força pura e instintiva pulsão descontrolada. É preciso recuperar esta dimensão dionisíaca da vida e da condição do homem. Nesse caminho a ser conquistado a luta por uma nova sociedade é a constituição de uma nova mulher e um novo homem. Isto se perde no horizonte do utópico, mas já é anunciado em todas as formas individuais e grupais que alteram o esperado e quebram o papel socialmente definido e legítimo. Só com as práticas novas se muda uma prática antiga. O discurso deve estar conectado com estas práticas, pois não se constrói uma nova sexualidade

no domínio da velha ideologia. De pequenas práticas, relacionadas aos aspectos conjunturais se pode construir uma nova moral sexual, com o devido cuidado com a palavra, e esta nova significação passa por uma luta política, visto que na política atual as relações são autoritárias e expropriadoras. Num mundo onde a morte, as armas ideológicas da morte, são as palavras de ordem; o amor, o erotismo, as palavras sensualizadas e impregnadas de vida são subversivas. Nesta dialética tem sentido a ruptura com os padrões legítimos vigentes ...

Freqüentemente os discursos sobre a sexualidade se reduzem à crítica do machismo ou aos códigos repressivos da sociedade patriarcalista ocidental. A origem do conflito sexual não é explicitada. E ela se encontra precisamente na raiz social. São os homens que têm o controle dos meios de produção, do mundo da subsistência, e constroem uma ideologia que legitima esta prática, a ideologia da superioridade natural, da força, da iniciativa, do poder. O homem domina o mundo da subsistência e manipula a palavra gerando um campo sagrado, na valorização das suas tarefas, que lhe faz ter controle sobre os saberes da caça e da infra-estrutura da vida. Godelier fala da raiz da dominação sexual como forma de dominação da reprodução social do sistema, que se dá em determinado momento na evolução das sociedades humanas. As mulheres não são exploradas unicamente no trabalho secundário, mas muito mais que isso, são expropriadas, à completa alienação, na reprodução da forma de vida que prolongue o grupo. (Cf. GODELIER, M. "As relações homem-mulher: o problema da dominação masculina", em Encontros com a Civilização Brasileira, n.º 26, pp. 9-29.)

A expropriação diz respeito à completa anulação de sua realidade como mulher até adaptar-se à "mulher" que o mundo macho reserva a ela. Deste modo ainda está por explodir e se criar a identidade feminina, a novidade que faz avançar a própria condição de hominização da natureza, até agora controlada pelo repetitivo autoritarismo masculino. É preciso explodir a feminilidade em sua constituição histórica nova, que passa pela negação completa do modelo já determinado pelo machismo cultural. Acho que esta vertente está profundamente imbricada na busca de uma nova sexualidade. Não se trata de buscar uma "total" liberação da sexualidade, como se houvesse um estado de completa ausência de dominação e repressão. Qualquer coisa cultural, nível ou instância da vida humana é socialmente limitada, mesmo o conceito de liberdade é limitado. As sociedades simbolizam as relações sexuais sobre o paradigma das relações sociais de produção. Se estas primeiras são relações de exploração as outras serão assim também estigmatizadas. Contudo, é unicamente pela dialética, ou melhor, pela compreensão dialética da história, analisando as contradições e o movimento social, que compreendemos as diferenças culturais e as diferentes significações para a sexualidade como a possibilidade de superação deste modelo engendrado na sociedade cristã ocidental.

No ponto que chegamos de nossa reflexão é preciso discutir a forma nova da sexualidade liberada vendida pelo capitalismo na sua forma consumista atual. Os homens, detendo a hegemonia da produção da vida, trabalham de maneira dupla com a sexualidade: numa cultura de sérios problemas de repressão a sexualidade aberta é forte atrativo de consumo e de sublimação da frustração existencial; além de que a nova imagem da mulher vendida com uma sensualidade

estereotipada, o que aparenta ser a liberação e o louvor do corpo não é nada mais que a estratégia do capital a submeter de uma nova forma, talvez até mais cruel que a religiosa, o corpo sob o capital, É ainda Marilena Chaui que ao criticar as formas da repressão sexual diz:

"O novo saber sobre o sexo, científico e objetivo, não é necessariamente portador do fim da repressão sexual, podendo ser apenas uma variante dela".11. CHAUI, M. op. cit., p. 22.

Quando escreve sobre as formas e mecanismos da repressão sexual a mesma autora recupera uma valiosa relação, a passagem do sexo controlado pelo discurso e normatividade moral e religiosa para a esfera da medicina e da psiquiatria. Deixar ao médico o que antes cabia ao teólogo e padre. O que pode ser facilmente comprovado na crescente biologização e medicalização do sexo, enfoque muitas vezes mais aceitável nas esferas das mentes internamente reprimidas dos círculos conservadores. O fato fundamental é que os homens continuam a praticar sexo desde que o mundo é mundo. E que os códigos repressivos obedecem a interesses definidos conscientes ou internalizados para um determinado fim. As sociedades diversas simbolizam as diferenças sexuais de acordo com os padrões de sua vida econômica, isto faz com que estas simbolizações extrapolem o campo do meramente econômico tornando-se o reflexo e a identidade daqueles indivíduos constituídos naquele grupo social. É assim que temos um feminino definido pelo masculino, um Deus macho, uma linguagem dualista, uma ética maniqueísta e um pensamento idealista. Marx nos dá metodologia da análise da história. Curioso como ele trata da questão sexual. Para Marx a prostituição é o símbolo da condição operária de exploração. Mais que isso, é uma forma da alienação humana, que vende a sua força para a subsistência, é a forma de vida no reino da necessidade. Marx ousa acreditar que no reino da liberdade conectada com a sociedade comunista, haverá o nascimento do homem novo, por conseguinte, a exploração será erradicada da história humana. É a semente das relações novas, onde haverá de explodir em plenitude a sexualidade nova ...

CONCLUSÃO

Tentamos fazer um caminho muito extenso em muito pouco tempo. Partimos do pressuposto de que o homem surge da natureza e tem toda a sua identidade na cultura, onde pelo trabalho e pela socialização desprende-se da mesma natureza criando um mundo humano, o que se dá pela aquisição da linguagem e do pensamento. A lei que determina o processo civilizatório é a lei da economia, da busca das condições materiais de existência. A condição corpórea, animal, a diferença sexual macho/fêmea são ainda desprovidas de uma significação humana, pois estão entregues ao ciclo reprodutor da natureza animal. Na evolução civilizatória, que tem seus requisitos básicos, aparecem certas tendências evidenciadas pelo jogo de poder que se estabelece no grupo. O fato é que os machos assumem este poder e controlam a produção da vida e deste fato estabelecem uma vertente que de uma forma ou de outra se tornou característica básica de nossa civilização: o machismo. A antropologia e a sociologia já podem trabalhar melhor neste processo, discutindo e pontuando momentos importantes

tais como a passagem da monogamia para a exogamia, o incesto, etc ... Estas ciências registram também fases matrilineares da sociedade e sistemas matriarcais, se bem que de um modo marginal.

Seria muita pretensão descrever todo o processo. Pontuamos ainda a existência do modelo religioso, quando a Igreja, vinda de longa marcha dentro do Império Romano, catequiza e batiza a mundividência, e nela a sexualidade das nações bárbaras pagãs do Ocidente, as mesmas que fragmentam o Império Romano tornando-se os embriões do mundo moderno, que após extensa catequese da Igreja, um interregno de mil anos, saem da Idade Média em novas frentes e processos de superação. Um destes processos é o atual capitalismo ocidental, que foi rigoroso na repressão sexual quando precisava da energia máxima para gerar excedente que o fizesse sobreviver e que hoje faz do sexo moderno a arma de sua propaganda e bandeira máxima do consumismo.

Em tudo isso propusemos uma visão da sexualidade como o conjunto de caracteres, qualidades e fenômenos concernentes a cada sexo, aqui entendido como a diferença anatômica e biológica. A sexualidade é portanto sempre construída e definida socialmente sobre o sexo primordial. Esta relação tem sido uma relação de exploração e poder, sendo a dominação da mulher pelo homem a primeira delas, numa história de conflitos e de luta de classes e interesses. Nas sociedades, de diversas maneiras aparecem os mecanismos de determinação da sexualidade através do discurso competente do poder.

Hoje, na sociedade capitalista, sob o domínio de monopólios econômicos, políticos e culturais a formação de papéis parece saltar sobre o estágio da individualização; a organização dos instintos e do comportamento é coletiva e levada a cabo através de instituições eficazes para este fim criadas. Uma identidade é socializada por agentes e agências extrafamiliares, onde ressalta-se o uso dos Meios de Comunicação Social, acrescidos aos aparelhos ideológicos do poder. O novo treinamento é a própria sociedade, que vai enquadrando o novo aos seus modelos.

Finalmente propomos que a inversão destas relações exploradoras e autoritárias no campo da sexualidade passa por uma luta política de superação das atuais relações de exploração do homem pelo homem no mundo da sobrevivência. Um trabalho alienado produz uma identidade humana alienada, uma sexualidade alienada, mas é possível buscar uma outra forma de sexualidade, um novo homem e uma nova mulher numa nova sociedade, em novas relações de produção da vida. Tal busca é no momento a utopia concreta, o próprio desejo... e na luta política possibilita antecipar as relações novas, que no estágio atual se concretizam em inversões dos comportamentos hegemônicos e na negação dos modelos convencionais. A construção de uma nova sociedade passa pela destruição desta; assim uma nova identidade de relação, no campo da sexualidade, passa da completa negação das relações vigentes. Isso permite recuperar um espaço de prazer e exigirá a criação de uma nova ideologia ...

SUBSIDIOS PARA REFLEXÃO OU DEBATE

1. Discutir, com base no primeiro capítulo, as contradições dos atuais papéis sexuais masculino e feminino.

- o mito da superioridade e racionalidade masculina
- o mito da inferioridade e afetividade feminina

É possível afirmar, da diferença biológica dos sexos a radical diferenciação sócio-histórica dos papéis atuais de "homem" e "mulher"? Da diferença só se pode tirar o conceito da própria diferença, da alteridade. Não se pode deduzir da diferença a superioridade.

2. A palavra "família" tem origem no latim arcaico e significava "conjunto de escravos" sob o poder de um mesmo senhor. "Famulus" é "escravo", "famillia" é o plural, "escravos". Engels em seu estudo - "A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado" - analisa o surgimento destas instituições na criação da sociedade de classes. Ao nível histórico isso se dá com a formação do patriarcalismo, que analisamos no capítulo 11. Discuta as várias faces deste patriarcalismo em nossa estrutura familiar e social atual.

3. Sobre a sexualidade humana muito se tem discutido e debatido. Mas sempre que se multiplicam os discursos sobre a sexualidade, eles trazem junto a questão da mulher. De maneira grotesca e real podemos afirmar que a mulher tem sido "propriedade" dos pais enquanto solteira, "propriedade" do marido quando casada e "propriedade" dos filhos o resto de sua vida, presa aos inúmeros mitos que a cercam, como o mito da "mãe que tudo faz" ou "o descanso do guerreiro". Como você veria as diversas lutas de libertação social, econômica, política e moral da mulher?

4. A questão da homossexualidade, tratada no final do capítulo II, é extremamente polêmica. Como você compreende esta questão?

5. A expropriação da sexualidade em nome da fé, sob o signo do pecado e do medo toma conta da Idade Média, em diversas formas de repressão e enquadramento. É possível afirmar que este tempo e estas representações simbólicas recriam-se nos discursos tradicionais da Igreja e no universo mental cristão?

6. Uma das formas mais acabadas do patriarcalismo hebraico está no seu sacerdócio exclusivista. Na Idade Média este patriarcalismo se transformou em clericalismo, isto é, poder exagerado do clero, dos padres, bispos, etc... Discuta quais seriam os impedimentos ao sacerdócio feminino hoje em dia em debate nos círculos eclesiais norte-americanos. A discriminação religiosa não é também uma grande forma de repressão?

7. O capítulo IV fala da sexualidade racionalizada, burocratizada, burguesa. O sexo, agora controlado pela linguagem, pela religião e ciência, tem a função eminentemente procriativa. Você concorda que o sexo deva ser exclusivamente procriativo e não possa ser veículo e forma de prazer, encontro, paixão e vida? Não seria anular as outras tantas dimensões da sexualidade, em nome do trabalho, princípio da racionalizada burguesa?

8. O capítulo V apresenta as diversas formas da sexualidade atual, tal como nos é apresentada:

- como objeto de consumo
- como forma de satisfação egocêntrica
- como relação sadomasoquista
- como quantidade e acúmulo de "trepadas"
- como objetualização do corpo da mulher e do homem
- como perversão e violência
como pornografia.

Todas estas parecem ser variantes de uma descompressão da sexualidade mas não de sua libertação. Na maior parte destas formas é um novo modelo de enquadramento e de manipulação do desejo, agora em função do consumismo capitalista. Analise estes pontos e tente fazer a crítica destes apelos, ao mesmo tempo que observa o silêncio e a omissão das instituições tradicionais: Família, Religião, Escola, etc...

9. Como entender uma educação sexual sem ser doutrinária, moralista, ou superficial?

10. Quais os grandes teóricos da sexualidade humana no Ocidente? Segundo Foucault a sexualidade se encontra em duas vertentes: uma, mais desenvolvida no Oriente, onde o sexo é visto como "ars erótica", isto é, objeto de prazer, relação e paixão. A outra, que viceja no Ocidente, é a "scientia sexualis", onde o sexo é transformado em objeto das mais contraditórias instituições: Direito, Moral, Religião, Ciência, Propaganda, etc ... Uma educação sexual deveria andar centrada em qual destas paralelas? Ou ambas? Discorrer e opinar com base no último capítulo.

BIBLIOGRAFIA

BARROSO, Carmen e BRUSCHINI, Cristina. Educação Sexual: Debate Aberto, Petrópolis, Vozes, 1982.

. Sexo e Juventude - um Programa Educacional, São Paulo, Brasiliense, 1983.

BARROSO, Carmen & COSTA, Albertina Oliveira. Mulher, Mulheres, São Paulo, Cortez, 1983.

BASSANEZI, C. e outros. A Mulher na Idade Média. Campinas, Editora da Unicamp, 1986.

A Bíblia de Jerusalém, Ed. Paulinas, 1981.

CARDOSO, Irene. Mulher e Trabalho: Discriminações e Barreiras no Mercado de Trabalho, São Paulo, Cortez, 1980.

CHARBONEAU, P. E. Educação Sexual, São Paulo, E.P.U., 1980.

. Moral Conjugal no Século XX, São Paulo, E.P.U., 1968. . Amor e Liberdade. São Paulo, E.P.U., 1968.

CHAUI, Marilena. Repressão Sexual, São Paulo, Brasiliense, 1984,

CONSTANTINE, Larry L. e MARTINSON, Floyd M. Sexualidade Infantil. Novos conceitos, novas perspectivas, São Paulo, Roca, 1984.

DEMAREST, Robert. *Fisiologia do Sexo e Controle da Natalidade*, São Paulo, Nacional, 1971.

DRAGUNSKY, L. *O Mito do Sexo*. São Paulo, Proposta Editorial, 1981.

ELIADE, M. *Tratado de História das Religiões*, Vol. 1, Ed. Cosmos, Liv. Martins Fontes, Lisboa, 1970.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade*, Vol. 1 e II, Rio de Janeiro, Graal, S.a ed., 1984.

. *Microfísica do Poder*, Rio de Janeiro, Graal, 1979.

FROOM, Erich. *A Arte de Amar*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1960.

FRY, Peter e Mc RAE, Edward. *O que é Homossexualidade*, São Paulo, Brasiliense, 1983. Coleção Primeiros Passos.

GOLDBERG, Maria Amélia A. *Educação Sexual: uma Proposta, um Desafio*, São Paulo, Aruanda, 1982.

GUERIN, Daniel. *Um Ensaio sobre a Revolução Sexual após Reich e Kinsev*, São Paulo, Brasiliense, 1980.

HART, John. *Teoria e Prática da Homossexualidade*, Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

HASTINGS, D. *Um Psiquiatra Fala de Sexo no Casamento*, São Paulo, Livraria Manole, 1973.

HOCQUENGHEN, Guy. *A Contestação Homossexual*, São Paulo, Brasiliense, 1980.

KAPLAN, Helen Singer. *Manual Ilustrado de Terapia Sexual*, São Paulo, Manole, 1978.

. *A Nova Terapia do Sexo*, São Paulo, Nova Fronteira, 2.a ed., 1979.

KILANDER, H. Frederick. *Educação Sexual nas Escolas, Preparar para a Vida Familiar*, São Paulo, Paulinas, 1984.

KOLEONTAI, Alexandra. *A Nova Mulher e a Moral Sexual*, São Paulo, Global, 198-2.

LIBANIO, J.B. *A Volta à Grande Disciplina*, São Paulo, Loyola, 1983.

. *Pastoral numa Sociedade de Conflitos*, Petrópolis Vozes, 1982.

LIEF, Harold 1. *Sexualidade Humana. Orientação médica e psicológica atual*, Rio de Janeiro, Atheneu, 1979.

LIMA, Celso Piedmonte de. *Genética Humana*, São Paulo, Harper & Row, 1980.

MANTEGA, G. (org.). *Sexo e Poder*, São Paulo, Brasiliense, 1979.

MARCILIO, M. L. *A Mulher Pobre na História da Igreja Latino-Americana*, Col. Cehila, Petrópolis, Vozes, 1984.

MARCUSE, H. *Eros e Civilização*, Rio de Janeiro, Zahar, 6.a ed., 1975.

MAPLE, Peter. *"O Que Está Acontecendo Comigo?!"* São Paulo, Mosaico, 1975.

MEAD, M. *Sexo e Temperamento*, São Paulo, Perspectiva, 1979.

MIELNIK, Isaac. *Instrução Sexual na Escola*, São Paulo, SESI, 1967.

ANA, J. *Ajustamento Conjugal*, Porto Alegre, Globo, 7.a ed., 1980.

. *Vida Sexual de Solteiros e Casados*, Porto Alegre, Globo, 2.a ed., 1963.

MURARO, Rosa Marie, *Libertação Sexual da Mulher*, Petrópolis, Vozes, 1975. . *Sexualidade da Mulher Brasileira*, Petrópolis, Vozes, 2.a ed., 1983.

NIN, ANÃIS. *Em Busca de um Homem Sensível*, São Paulo, Brasiliense, 3.1 ed., 1986.

OKAWARA, Harno & SAWAYA, Rogério. *Amar; a Realidade sobre a Vida Sexual*, São Paulo, Abril Cultural, 1977.

POLITZER, C. *Princípios Elementares de Filosofia*, Lisboa, Prelo, 9.a ed., 1979.

REED, Evelyn. *Sexo contra Sexo ou Classe contra Classe*, São Paulo, Proposta Editorial, 1980.

REICH, W. *A Revolução Sexual*, Rio de Janeiro, Zahar, 8.a ed., 1983.

REVISTA CONCILIUM/193 - 1984/3. *A Revolução Sexual*, Petrópolis, Vozes, 1984.

RINALDI, Mara. *Sabe Como Foi?*, São Paulo, Almed, 1984.

RUBIN, I. & KIRKENDAL, L. *Sexo e Adolescência*, São Paulo, Cultrix, 1970.

RYCROFT, C. *As Idéias de Reich*, São Paulo, Cultrix, 1971.

SAFFIOTI, Heleieth. *Mulher na Sociedade de Classe: Mito e Realidade*, Petrópolis, Vozes, 1979.

SALEM, Tania. *O Velho e o Novo. Um Estudo de Papéis e Conflitos Familiares*, Petrópolis, Vozes, 1980.

SIEGMUNDO, Georg. *A Sexualidade Humana*, São Paulo, Loyola, 1972.

SNOEK, J. *Ensaio de Ética Sexual*. São Paulo, Paulinas, 1981.

SONENREICH, Carol e BASSIT, William. *Sexo e Repressão Sexual*, São Paulo, Manole, 1980. (Cadernos de Psicopatologia, vol. II).

STOOR, A. *Desvios Sexuais*, São Paulo, Zahar, 1976.

SUPLICY, Marta. *Conversando sobre Sexo*, Petrópolis, Vozes, 1983.

- . *Condição da Mulher, Amor, Paixão e Sexualidade*, São Paulo, Brasiliense, 1984.

TUCKER, Patricia e MONEY, John. *Os Papéis Sexuais*, São Paulo, Brasiliense, 1981.

VALENCIN, G. *Dicionário Sexual*, São Paulo, Ibrasa, 1976.

VASCONCELOS, Naumi. *Os Dogmatismos Sexuais*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1971.

- . *Resposta Sexual Brasileira*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1973.

VIDAL, M. *Moral de Atitudes. Aparecida do Norte*, Santuário, 1979.

WEREBE, Maria José. *A Educação Sexual na Escola*, Lisboa, Moraes, 1977.

OUTROS TÍTULOS DA PAPIROS

APRENDENDO FILOSOFIA - César Aparecido Nunes - 2.a Edição Série "Educando".

ARDIL DA ORDEM (O) - Carlos R. Brandão - 2.a Edição CASA DE ESCOLA - Carlos R. Brandão - 2 .,1 Edição.

CRISE CULTURAL E SUBDESENVOLVIMENTO BRASILEIRO - A. Muniz de Rezende.

CRIANÇA E O NÚMERO (A) - Constance Kamii - 3.1 Edição CONVERSANDO SOBRE O CORPO - Heloisa T. Bruhns (Org.). 2.1 Edição.

EDUCAÇÃO E COMPROMISSO - Moacir Gadotti - 2.4 Edição. EDUCAÇÃO DE ADULTOS NA AMÉRICA LATINA - Jorge Werthein EDUCAÇÃO FÍSICA CUIDA DO CORPO ... E "MENTE" - J. P. S. Medina - 5.a Edição.

ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA NA AMÉRICA LATINA (O) Ubiratan D'Ambrósio.

ENTRE A EDUCAÇÃO E A BARBÁRIE - Regis de Moraes. ESCREVER É DESVENDAR O MUNDO - Severino Antonio e Emília Amaral - 2.a Edição - Série "Educando".

FAZER ESCOLA CONHECENDO A VIDA - Paulo Freire - Adriano Nogueira - Débora Mazza - 3.a Edição.
HISTÓRIA E PENSAMENTO NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA - Regis de Moraes
LAZER E EDUCAÇÃO - Nelson Carvalho Marcellino
LIÇÕES DA NICARÁGUA - A EXPERIÊNCIA DA ESPERANÇA - Carlos R. Brandão (Org.) - 2.a Edição.
PEDAGOGIA DO SILENCIO: O TAMANHO DO MEDO - Victor Tomelin.
POR QUE ARTE-EDUCAÇÃO? - João Franbisco Duarte Jr. 4.' Edição.
PSICODRAMA PEDAGÓGICO - Maria Alicia Romana - 2.1 Edição. PSICOLOGIA DA APRENDIZAGEM CENTRADA NO ESTUDANTE - Sulami P. Britto - 2.8 Edição.
QUEM ENGANA QUEM? PROFESSOR X LIVRO DIDÁTICO - Olga Molina.
QUEM SABE ENSINA, QUEM NÃO SABE APRENDE: A EDUCAÇÃO EM CUBA - Rubens Pantano Filho e outros - 2.a Edição. REINVENTANDO A ARITMÉTICA - IMPLICAÇÕES DA TEORIA DE PIAGET - Constance Kamii/Georgia DeClark.
SABER E ENSINAR - Carlos R. Brandão - 2.a Edição. TAREFA DE ESCOLA - Décio Pacheco.
TERRA EM QUE VIVEMOS (A) - Rodolpho Caniato - 3.' Edição. VIGILANCIA, PUNIÇÃO E DEPREDACÃO ESCOLAR - Áurea Guimarães.

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS DA SÉRIE "EDUCANDO"

IMPERIALISMO E A GEOPOLÍTICA GLOBAL José William Vesentini
AMAZONIA - MONOPÓLIO, EXPROPRIAÇÃO E CONFLITOS Ariovaldo Umbelino de Oliveira
FÍSICA EXPERIMENTAL - COMO ENSINAR, COMO APRENDER Rubens Pantano Filho e outros
SOCIOLOGIA; PENSAR E VIVER Pedro Rocha Lemos e Rubens de Camargo Adorno
PIAGET; COMO ENSINAR, COMO APRENDER Orly Zucatto Mantovani de Assis.